

NORA ROBERTS

CORAÇÃO DO MAR





Título original: *Heart of the Sea*
Autor: Nora Roberts
© 2000 by Jove

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por
Edições Saída de Emergência
Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº
2775-274 Parede, Portugal
Telefone e Fax: 214 583 770
www.saidadeemergencia.com

Paginação: Edições Saída de Emergência
Tradução: Paulo G. Silva
Revisão: Sérgio Gonçalves

Impressão e acabamento: Guide - Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 297585/09
Acabou de imprimir-se em Setembro de 2009

ISBN: 978-989-8032-58-4

Para Pat Gaffney
Todas as referências à música irlandesa são só para ti

Os olhos dela brilhavam como diamantes
e pensava-se que era a rainha do lugar.
— THE BLACK VELVET BAND

Prezado Leitor,

A sabedoria popular e o folclore desempenham um papel vital na história da Irlanda. Há muitas canções e histórias sobre o mundo das fadas, a Boa Gente que vive em castelos de prata sob as verdes colinas. Constituem uma parte fascinante da cultura irlandesa.

A família de Trevor Magee vinha dessas origens, embora tivesse atravessado o oceano para se instalar nos Estados Unidos. E ali fazer fortuna. Mas, como acontece com muitos que têm as suas raízes fincadas naquelas verdes colinas, Trevor é atraído de volta à terra dos seus antepassados. Virá a Ardmore para construir o seu sonho, um teatro onde vai mostrar a arte que é a sua herança.

Para isso, vai trabalhar com os Gallagher. Usar o pub tradicional da família faz parte dos seus planos. Em Coração do Mar, ele irá morar num chalé onde vive o fantasma de uma mulher à espera do seu verdadeiro amor. Também se vai encontrar com um príncipe do mundo das fadas, determinado a finalmente impor a sua vontade.

E vai conhecer e desejar a irresistível e frustrante Darcy Gallagher.

Durante toda a sua vida, ela sempre quis mais. Nunca fez segredo da sua esperança de encontrar um homem rico que lhe proporcionasse uma vida de luxo e emoções. Agora que o conheceu, é uma questão de corações a serem conquistados. Os de Darcy e de Trevor. Até que isso aconteça, o encantamento que separa os apaixonados haverá de persistir.

Dê uma volta comigo até à sombra de uma torre antiga. E contar-lhe-ei o que aconteceu.

Nora Roberts

CAPÍTULO UM

A aldeia de Ardmore fica na costa sul da Irlanda, no condado de Waterford, com o Mar Céltico a estender-se à sua frente. O quebra-mar de pedra faz uma curva, acompanhando a praia de areia dourada.

Penhascos projectam-se para o mar num dos lados; são cobertos pela relva e no seu topo abrigam um hotel. Havendo disposição, percorrer o trilho estreito que contorna o promontório seria um passeio agradável, embora puxado. No cimo da primeira colina, o viajante encontraria as ruínas do oratório e da fonte de São Declan.

A vista valia a escalada, com o céu, o mar e a aldeia a formarem uma paisagem deslumbrante. Era um terreno sagrado. Embora mortos estivessem sepultados ali, apenas uma lápide tinha inscrição.

A aldeia tinha ruas bem cuidadas e chalés coloridos, alguns com os tradicionais tectos de colmo. Havia também ladeiras íngremes. Flores cresciam em abundância, derramando-se de jardineiras nas janelas, exuberantes em cestos, vasos e canteiros. Era uma imagem encantadora, lá de cima ou no meio da aldeia. Os moradores de Ardmore orgulhavam-se de ter ganho o prémio de aldeia mais atraente, por dois anos consecutivos.

No alto da Tower Hill, havia uma magnífica torre redonda, que ainda mantinha a sua cobertura cónica. Ali também se encontravam as ruínas da catedral do século XII construída em

homenagem a São Declan. As pessoas dir-lhe-iam, caso indagasse, que Declan chegara à Irlanda trinta anos antes do bom São Patrício, o Saint Patrick, que é padroeiro da Irlanda.

Não falam para se gabar, mas apenas para situar o viajante.

As pessoas interessadas por essas questões vão encontrar boas inscrições nas pedras, em *ogham*, a escrita alfabética arcaica dos irlandeses, dentro da catedral sem tecto e na arcada romana. Estão desgastadas pelo tempo e pelo vento, mas ainda vale a pena estudá-las.

Mas a aldeia em si não fazia qualquer tentativa de ser grandiosa. Era apenas um lugar agradável, com uma ou outra loja, alguns chalés, a alguma distância de praias adoráveis.

A placa à entrada de Ardmore diz FAILTE, o que significa “seja bem-vindo”.

Foi essa combinação de história antiga, simplicidade e hospitalidade que interessou Trevor Magee.

A sua família saíra de Ardmore e Old Parish. O seu avô nascera ali, numa pequena casa perto da Baía de Ardmore. Vivera os primeiros anos da sua vida a respirar aquele ar húmido, sentindo o cheiro de maresia. Talvez pegasse na mão da sua mãe ao acompanhá-la às lojas ou durante um passeio à beira-mar.

O avô deixara a aldeia e o país. Partira para a América, com a esposa e o filho pequeno. Nunca voltara; e também, pelo que Trevor sabia, nunca olhara para trás. Houvera uma distância grande e amarga entre o velho e a terra em que nascera. Dennis Magee quase nunca falava a respeito da Irlanda ou de Ardmore, da família que deixara para trás.

Por isso, a imagem que Trevor formara de Ardmore era

marcada por emoção e curiosidade. As suas razões para escolher o lugar eram apenas um capricho pessoal.

Mas ele podia permitir-se caprichos pessoais.

Era um homem que sabia construir; e, como o avô e o pai antes, fizera-o com habilidade e eficiência.

O avô começara a vida como pedreiro. Ganhara uma fortuna negociando propriedades, durante e depois da II Guerra Mundial. A compra e venda de imóveis passara a ser o seu ofício, ficando a construção a cargo das pessoas que ele contratava.

O velho Magee não era nem um pouco sentimental em relação ao seu início de vida como operário. Nem em relação à sua terra natal. Pelo que Trevor podia recordar, o velho não demonstrava apego pelo quer que fosse.

Mas Trevor herdara o coração e as mãos do construtor, bem como o tino de negociante, frio e objectivo. Aprendera a usar as duas coisas.

E usaria as suas habilidades aqui, em Ardmore, acrescentando uma pitada de sentimento, para construir o seu teatro. Seria uma estrutura tradicional, para música tradicional, com a entrada pelo *pub* já existente, o Gallagher's.

O negócio com os Gallagher fora tratado, o terreno preparado para a construção, antes que ele arranjasse algum tempo na sua agenda para a temporada que tencionava passar em Ardmore. Mas agora estava ali e pretendia fazer mais do que assinar cheques e observar.

Queria participar.

Um homem podia suar de verdade, mesmo em Maio, num clima tão temperado, ainda mais se passasse a manhã a mexer argamassa. No início do dia, Trevor deixara o chalé, que

decidira alugar para o período que permaneceria em Ardmore; usava um casaco de brim e carregava uma chávena de café fumegante. Agora, umas poucas horas depois, tirara o casaco e sentia a camisa molhada de suor.

Seria capaz de pagar cem libras por uma cerveja gelada.

O *pub* ficava ao lado da obra. Trevor sabia, já que passara por lá no dia anterior, que tinha um bom movimento na hora de almoço. Mas um homem não poderia matar a sede com uma Harp gelada quando proibia os empregados de beber durante o trabalho.

Ele movimentou os ombros, girou a cabeça, enquanto olhava em redor. A betoneira soltava o seu rumor constante, homens gritavam, transmitindo ordens ou recebendo-as. A música do trabalho, pensou Trevor. Nunca se cansava dela.

Era um presente do seu pai. Aprender tudo, do princípio ao fim, fora o credo de Dennis Junior. A terceira geração dos Magee americanos fizera isso. Durante mais de dez anos — quinze, se contasse os Verões que suara em canteiros de obras no tempo de estudante — Trevor tratara de aprender tudo o que havia na indústria da construção civil.

As dores nas costas, o sangue, os músculos doridos.

Aos trinta e dois anos, ele passava mais tempo em escritórios e reuniões do que em andaimes, mas nunca perdera o gosto ou a satisfação de usar um martelo.

E tencionava permitir-se esse prazer em Ardmore, no seu teatro.

Trevor observou a mulher miúda, de boné desbotado e botas velhas, a circular pela obra, gesticulando enquanto a argamassa era despejada. Ela passou por cima de areia e pedra, usou a pá para bater na calha, avisando o operador de que deveria

parar. Depois, começou a espalhar e alisar a argamassa, juntamente com os outros operários.

Brenna O'Toole, pensou Trevor, contente por ter seguido o seu instinto naquele caso. Contratá-la e ao pai, como mestres-de-obras, fora a decisão correcta. Não apenas pelas suas habilidades na construção — que eram, sem dúvida alguma, impressionantes — mas também porque eles conheciam a aldeia e os seus habitantes, e eram capazes de manter tudo em perfeito funcionamento, os operários felizes e produtivos.

E a medida certa de relações públicas naquele projecto era tão vital quanto um sólido alicerce.

Trabalhavam muito bem, sem a menor dúvida. Três dias em Ardmore haviam comprovado que ele tomara a decisão certa com O'Toole e O'Toole.

Quando Brenna saltou da plataforma, Trevor adiantou-se e estendeu a mão para a ajudar.

— Obrigada.

Ela fincou a pá no chão e apoiou-se nela. Apesar das botas sujas e do boné desbotado, parecia uma pequena fada travessa. A pele era de puro creme irlandês. Alguns anéis vermelhos escapavam do boné.

— O Tim Riley diz que não vai chover por mais um ou dois dias. E ele costuma acertar mais do que errar. Acho que vamos preparar os alicerces antes que você precise de se preocupar com o tempo.

— Fez um progresso considerável antes da minha chegada.

— Depois de nos ter dado luz verde, não havia razão para esperar. Teremos alicerces firmes, Sr. Magee, no prazo previsto.

— Trev.

— Está bem, Trev.

Brenna empurrou o boné para trás. Inclinou a cabeça, para poder fitá-lo nos olhos. Calculou que ele deveria ser pelo menos trinta centímetros mais alto do que o seu 1,58 m de altura, mesmo usando as botas de solas grossas.

— Os homens que enviou da América são muito bons.

— Como os escolhi pessoalmente, concordo.

Brenna achou que o tom de voz era um pouco arrogante, mas não antipático.

— E nunca escolhe mulheres?

Trevor sorriu, um sorriso lento, dando a impressão de que o humor se espalhava lentamente pelo seu rosto, até chegar aos olhos, da cor do fumo de turfa.

— Claro que escolho, sempre que possível. No trabalho e fora dele. Chamei uma das minhas melhores carpinteiras para este projecto. Deve chegar na próxima semana.

— É bom saber que o meu primo Brian não se enganou nesse aspecto. Ele disse que você contratava pela competência, não pelo sexo. Tivemos uma boa manhã de trabalho. — Brenna inclinou a cabeça na direcção da obra. — Aquela betoneira barulhenta vai fazer-nos companhia por mais algum tempo. A Darcy volta das férias amanhã, e posso garantir-lhe que ela nos vai dar cabo da cabeça por isso.

— É um barulho agradável. De construção.

— Sempre pensei assim.

Os dois permaneceram em silêncio por um momento, em perfeita concordância, enquanto a betoneira expelia mais um metro de argamassa.

— Eu pago-lhe o almoço — ofereceu Trevor.

— Aceito.

Brenna assobiou, a fim de atrair a atenção do pai. Fez o gesto de quem leva a comida à boca com uma colher. Mick respondeu com um sorriso e um aceno, depois voltou ao trabalho.

— Ele está no paraíso — comentou Brenna, enquanto iam lavar as botas. — Nada deixa Mick O'Toole mais feliz do que dar por si num terreno de obras... e quanto mais sujo, melhor.

Satisfeita, Brenna bateu com os pés duas ou três vezes, depois encaminhou-se para a porta da cozinha do *pub*.

— Espero que reserve algum tempo para conhecer a região, em vez de passar o tempo todo ocupado com a obra.

— Claro que planeio ver tudo.

Ele tinha relatórios, é claro... relatórios detalhados sobre movimentação de turistas, condições das estradas, os melhores percursos das grandes cidades. Mas tencionava verificar tudo pessoalmente.

Precisava de ver de qualquer maneira, admitiu Trevor para si mesmo. Alguma coisa o atraía para a Irlanda, para Ardmore, há mais de um ano. Em sonhos.

— Ah, eis aqui um homem bonito, a fazer aquilo que melhor sabe! — exclamou Brenna, ao abrir a porta da cozinha. — O que tens para nós hoje, Shawn?

Ele virou-se do fogão enorme e antigo, um homem esguio e forte, de cabelos pretos e olhos azuis.

— O especial do dia é uma sopa de espinafre e sanduíche de carne. Bom dia, Trevor. Essa menina está a fazê-lo trabalhar mais do que deveria?

— Ela mantém as coisas em movimento.

— É o que eu tenho de fazer, pois o homem da minha

vida é muito vagaroso. Eu gostava de saber, Shawn, se já seleccionaste mais alguma música para a consideração de Trevor.

— Ando bastante ocupado, a atender a minha nova esposa. Ela é exigente. — Ele inclinou-se, pegou no rosto de Brenna entre as mãos e beijou-a. — Sai da minha cozinha. A situação aqui já está suficientemente confusa sem a Darcy.

— Ela volta amanhã, e por esta hora já terás resmungado com ela uma dúzia de vezes.

— Porque achas que sinto falta dela? Transmite o teu pedido à Sinead, Trevor. É uma boa rapariga, e a nossa Jude está a ajudá-la. Ela só precisa de um pouco mais de prática.

— A Sinead é amiga da minha irmã Mary Kate — disse Brenna a Trevor, enquanto abria a porta entre a cozinha e o *pub*. — Uma moça de bom coração, embora algo desmiolada. Ela quer casar com o Billy O'Hara, e essa é a soma total das suas ambições neste momento.

— E o que tem o Billy O'Hara a dizer?

— Não sendo tão ambicioso como a Sinead, o Billy mantém-se de boca fechada. Bom dia, Aidan.

— Bom dia. — O mais velho dos Gallagher trabalhava atrás do balcão. Continuou a operar as torneiras, enquanto levantava os olhos. — Quer então dizer que vão almoçar connosco?

— Isso mesmo. E apanhamos-te com o maior dos movimentos.

— Deus abençoe os autocarros de excursão.

Piscando o olho, Aidan empurrou duas canecas pelo balcão, para as mãos que aguardavam.

— Preferes que almoçemos na cozinha?

— Não há necessidade, a não ser que estejam com muita

pressa. — Os olhos de Aidan, de um azul mais profundo do que os do irmão, esquadriharam o *pub*. — O serviço está um pouco mais lento do que o habitual. Mas ainda há algumas mesas vagas.

— Vamos deixar o patrão decidir. — Brenna olhou para Trevor. — O que me diz?

— Vamos para uma mesa.

Seria melhor para observar o movimento.

Foram sentar-se a uma das mesas com formato de cogumelo. Havia um burburinho de conversa, uma cortina de fumo e o cheiro forte da cerveja.

— Vai tomar uma caneca? — perguntou Brenna.

— Só depois de o trabalho terminar.

Os lábios de Brenna contraíram-se, enquanto empurrava a cadeira para trás.

— Então é verdade o que os seus homens disseram. O comentário é de que você é um tirano nessa questão específica.

Trevor não se importou com o termo “tirano”. Significava que tinha o controlo.

— O comentário está correcto.

— Talvez tenha alguma dificuldade em impor essa norma por aqui. Muitos dos que vão trabalhar na obra foram amamentados com Guinness, que é tão natural para eles quanto o leite materno.

— Também gosto muito. Mas, quando um homem ou mulher trabalha para mim, tem de optar pelo leite materno.

— É um homem duro, Trevor Magee. — Mas ela falou com um riso. — Diga-me uma coisa. Está a gostar do Faerie Hill Cottage?

— E muito. É confortável, funcional, sossegado, com uma vista que faz o coração subir pela garganta. É exacta-

mente o que eu procurava. Agradeço por tê-lo posto à minha disposição.

— Não foi nada, absolutamente nada. É da família. Acho que o Shawn sente falta da nossa cozinha ali, já que ainda falta muito para terminar a nossa casa, embora já dê para morar lá. — Uma pausa e ela acrescentou, como se aquele fosse um dos pontos que a afligiam no momento: — Pretendo concentrar-me na cozinha nos meus dias de folga, para deixá-lo mais feliz.

— Gostaria de conhecer a sua casa.

— Ah sim? — Surpreendida, ela inclinou a cabeça para o lado. — Será bem-vindo quando quiser. Eu explico-lhe como lá chegar. Importa-se se eu disser que não esperava que fosse um homem tão cordial?

— O que esperava?

— Mais um tubarão ganancioso... e espero que não se sinta ofendido.

— Não me sinto. Mas depende das águas em que estou a nadar.

Trevor levantou os olhos. O rosto ficou um pouco corado quando a mulher de Aidan se aproximou. No instante em que ele começou a levantar-se, Jude fez sinal para que permanesse sentado.

— Não me juntarei a vocês, mas obrigada. — Ela pôs a mão na sua enorme barriga de grávida. — Bom dia. Sou a Jude Frances e vou servi-lo hoje.

— Não deveria ficar de pé nesse estado, ainda para mais a carregar bandejas.

Jude suspirou, enquanto pegava no bloco de pedidos.

— Parece o Aidan. Levanto os pés sempre que posso e

não carrego nada que seja pesado. A Sinead não pode cuidar de tudo sozinha.

— Não se preocupe, Trevor. A minha abençoada mãe colheu batatas no dia em que nasci e voltou para as assar depois do parto. — Como Trevor franziu o rosto, Brenna soltou uma gargalhada e acrescentou: — Talvez não, mas aposto que ela seria capaz. Hoje vou querer sopa, Jude, se não te importas... com um copo de leite. — Ela ofereceu um sorriso malicioso a Trevor, ao acabar.

— A mesma coisa, mais a sanduíche — disse ele.

— Uma boa escolha. Volto num instante.

Depois de Jude se ter encaminhado para outra mesa, Brenna comentou:

— Ela é mais forte do que parece. E mais teimosa. Agora que encontrou o seu rumo, por assim dizer, ela trabalha mais para provar que é capaz de fazer o que lhe dizem que não deve. Mas posso garantir-lhe que o Aidan não a deixa exagerar. Ele adora-a.

— Já notei. Os Gallagher parecem dedicados às suas mulheres.

— É melhor que sejam, ou as suas mulheres vão querer saber porquê. — Relaxada, ela inclinou-se para trás. Tirou o boné. Os cachos ruivos caíram. — Não nos está a achar demasiado “rústicos”, já que vive em Nova Iorque?

Trevor pensou nos muitos terrenos de obras em que trabalhara: deslizamentos de lama, inundações, calor sufocante, vandalismo e sabotagem.

— Claro que não. A aldeia é exactamente o que eu esperava, pelos relatórios do Finkle.

— Ah, sim, o Finkle... — Ela lembrava-se bem do obser-

vador de Trevor. — Eis um homem que prefere os contornos urbanos, na minha opinião. Mas você não é tão... exigente.

— Sou muito exigente, dependendo do assunto. Foi por isso que incorporei a maior parte da sua proposta no projecto do teatro.

— Um elogio insinuante. — E nada poderia agradar-lhe mais. — Mas eu pensava mais no plano pessoal. Tenho uma afeição especial pelo chalé na Faerie Hill, mas não tinha a certeza se lhe agradaria. Talvez pensasse que um homem com a sua experiência e recursos estaria mais inclinado a instalar-se no hotel do penhasco, com serviço de quarto, restaurante e tudo o resto.

— Os quartos de hotel deixam-me com a sensação de prisão. E acho interessante ficar na casa em que a mulher que foi noiva de um dos meus antepassados nasceu, viveu e morreu.

— A velha Maude era uma boa mulher. Uma mulher sábia. — Brenna manteve os olhos fixos no rosto de Trevor enquanto falava. — A sua sepultura fica perto da fonte de São Declan. Pode senti-la ali. Não é a mulher que está no chalé agora.

— E quem é?

Brenna franziu as sobrancelhas.

— Não conhece a lenda? O seu avô nasceu aqui, e o seu pai também, embora ele ainda fosse um bebé quando a família partiu para a América. Mas ele fez-nos uma visita, anos depois. Nenhum dos dois lhe contou a história de *Lady Gwen* e do Príncipe Carrick?

— Não. Então é *Lady Gwen* quem assombra o chalé?

— Já a viu?

— Não. — Trevor não crescera entre lendas e mitos, mas tinha sangue irlandês em quantidade suficiente para especular

a respeito disso. — Mas há uma sensação feminina ali, quase uma fragrância. Portanto, deveria ser uma mulher.

— Tem razão nesse ponto.

— Quem foi ela? Se estou a partilhar os meus aposentos com um fantasma, devo pelo menos saber alguma coisa a seu respeito.

Ele não descartara o assunto com indiferença. Nem demonstrava uma divertida indulgência pelos irlandeses e pelas suas lendas, pensou Brenna. Apenas um interesse objectivo.

— Está a surpreender-me de novo. Deixe-me verificar uma coisa primeiro. Volto num instante.

Fascinante, pensou Trevor. Ele tinha um fantasma.

Já sentira coisas antes. Em prédios antigos, terrenos baldios, campos desertos. Não era o tipo de conversa que um homem poderia puxar numa reunião de direcção ou com os seus operários, enquanto tomavam uma cerveja gelada, depois de um dia longo de trabalho. Mas ali era diferente, com um clima diferente. E ele queria saber mais.

Tudo o que se relacionava com Ardmore e a região em redor era agora do seu interesse. Uma boa história de fantasmas poderia atrair pessoas tanto quanto um *pub* bem dirigido. Era tudo uma questão de ambiente.

O Gallagher's tinha exactamente o tipo de ambiente que ele queria associado ao teatro. A madeira antiga, escurecida pelo tempo, o fumo e a gordura, as paredes cor de creme, a lareira de pedra, as mesas baixas, os bancos.

O bar era um espectáculo à parte, de castanheiro antigo. Já notara que os Gallagher mantinham sempre tudo limpo e polido. A idade dos clientes variava de um bebé de colo ao homem mais velho que Trevor achava que já vira, naquele

momento equilibrado num banco na extremidade do bar.

Havia vários outros que deveriam ser moradores locais, a julgar pela maneira como se sentavam, fumavam e bebiam; e havia muitos, três vezes mais, que só poderiam ser turistas, com as suas bolsas de máquinas fotográficas por baixo da mesa, mapas e guias.

As conversas eram uma mistura de sotaques, mas predominava aquela cadência ritmada adorável, que ouvira nas vozes dos avós até ao dia em que morreram.

Trevor perguntava-se agora porque não sentiam os avós saudade de ouvir aquele sotaque e porque nunca tinham tido o impulso de voltar à Irlanda. Quais teriam sido as amargas recordações que os tinha mantido à distância? Quaisquer que fossem, a curiosidade pulara uma geração e agora fazia com que ele viesse verificar tudo pessoalmente.

Mais do que isso, ele especulava porque haveria de *reconhecer* Ardmore e a vista do chalé, e até mesmo saber o que veria quando subisse os penhascos. Era como se guardasse na mente uma imagem do lugar, uma imagem que outra pessoa recolhera e mantivera escondida dele.

Os avós e o pai não tinham fotos para lhe mostrar. O pai voltara a Ardmore uma vez, quando era mais jovem do que Trevor agora, mas as suas descrições haviam sido superficiais, na melhor das hipóteses.

Os relatórios, é claro. Havia fotos e descrições detalhadas nos relatórios. Finkle levava-os para Nova Iorque. Mas ele sabia... antes mesmo de abrir a primeira pasta, já sabia de tudo.

Memória herdada? Trevor não dava muita importância a esse tipo de coisas. Uma coisa era herdar os olhos do pai, de um cinzento claro, as pálpebras longas. E diziam-lhe que her-

dara também as mãos do avô e a sua perspicácia para os negócios. Mas como poderia uma recordação passar pelo sangue?

Ele reflectia acerca disso enquanto continuava a esquadrihar o *pub*. Não lhe ocorreu que parecia mais um morador local do que um turista, nas suas roupas de operário, com os cabelos desmanchados pelo trabalho da manhã. Tinha um rosto estreito, de ossos salientes, que faria os observadores pensarem mais num guerreiro ou num estudioso absorvido em livros do que num empresário. A mulher com quem ele quase se casara dissera que parecia um rosto esculpido por algum génio delirante. Uma ténue cicatriz marcava o queixo, resultado de uma tempestade de cacos de vidro, durante um tornado em Houston. O que aumentava a impressão de firmeza e determinação.

Era um rosto que raramente deixava transparecer qualquer coisa. A menos que fosse favorável a Trevor Magee.

Naquele momento, a expressão era fria e vaga. Mas tornou-se de cordialidade descontraída quando Brenna voltou à mesa, com Jude. Brenna, ele notou, carregava a bandeja.

— Pedi à Jude para tirar alguns minutos de folga e contar a história de *Lady Gwen* — explicou Brenna, já servindo o pedido. — Ela é uma *seanachais*.

Vendo as sobrancelhas arqueadas de Trevor, Jude sacudiu a cabeça.

— É o termo gaélico para contadora de histórias. Não sou bem isso, mas apenas...

— Apenas uma pessoa que já tem um livro prestes a sair e está a escrever outro. O livro da Jude será lançado no final do Verão. Lembre-se disso, quando fizer compras.

— Brenna...

Jude revirou os olhos.

— Comprarei o livro assim que sair. Algumas das letras do Shawn são histórias. É uma tradição antiga e honrada.

— Ele vai gostar desse comentário. — Radiante agora, Brenna levantou a bandeja. — Podes deixar que eu entrego o resto, Jude... e vou aproveitar para pressionar a Sinead, fazendo com que seja mais rápida. Podes começar a contar a história. Já a ouvi muitas vezes.

— Ela tem energia suficiente para vinte pessoas.

Um pouco cansada agora, Jude pegou na sua chávena de chá.

— Estou contente por a ter encontrado para o projecto. Ou foi ela que me encontrou.

— Eu diria que foi um pouco das duas coisas, já que ambos são manipuladores. — Jude estremeceu ao aperceber-se do que acabara de dizer. — Não o disse no sentido negativo.

— Eu sei. O bebé está a dar pontapés? Dá para perceber pela expressão nos seus olhos. A minha irmã acaba de ter o terceiro.

— Terceiro? — Jude respirou fundo. — Há momentos em que me pergunto como conseguirei aguentar este. Ele é muito activo. Mas terá de esperar mais dois meses. — Ela passava a mão devagar sobre a barriga, em círculos, aliviando a pressão, enquanto tomava o chá. — Talvez não saiba, mas há um ano eu vivia em Chicago.

Trevor soltou um murmúrio neutro. Claro que sabia. Recebera relatórios meticulosos.

— O meu plano era passar seis meses aqui, no chalé onde a minha avó morou, depois de perder os pais. Ela herdou-o da prima Maude, que morrera pouco antes da minha vinda.

— A mulher de quem o meu tio-avô foi noivo.

— Exactamente. Chovia muito no dia em que cheguei. Pensei que estava perdida. E sentia-me perdida, não apenas em termos geográficos. Tudo me deixava nervosa.

— Veio sozinha para outro país? — Trevor inclinou a cabeça para o lado. — Não parece típico de uma mulher que fica nervosa por qualquer coisa.

— O Aidan seria capaz de fazer esse comentário. — E, por causa disso, Jude sentiu-se de repente muito à vontade. — Acho que era mais porque eu não sabia do que era capaz naquele tempo. Seja como for, parei o carro diante de um chalé de tecto de colmo, sem saber onde me encontrava. E avistei uma mulher na janela do segundo andar. Tinha um rosto adorável e triste, cabelos louros, bem claros, que caíam em torno dos ombros. Os nossos olhos encontraram-se. E foi nesse instante que a Brenna apareceu na sua carrinha. Por acaso eu parara no meu chalé. A mulher que vi na janela era Lady Gwen.

— O fantasma?

— Exactamente. Parece impossível, não parece? Ou pelo menos irracional. Mas posso descrever com precisão como ela era. Até a desenhei. E não conhecia a lenda quando vim para cá, como você também parece não conhecer.

— Eu gostaria de a ouvir.

— Vou contar.

Jude fez uma pausa. Brenna voltou, sentou-se, e começou a comer.

Ela tinha uma habilidade natural para contar uma história, notou Trevor. Um ritmo suave, que deixava o ouvinte fascinado. Falou da jovem donzela que vivia no chalé na colina das fadas. Uma mulher que cuidava do pai, já que a mãe morrera

no parto. Fazia tudo no chalé, mantinha o jardim e a horta em perfeitas condições, assumia uma atitude de orgulho.

Por baixo da verde colina ficava a glória prateada do palácio das fadas, onde Carrick reinava como príncipe. Ele também era orgulhoso, muito bonito, de cabelos pretos e longos, olhos de um azul ardente. E aqueles olhos contemplaram a jovem Gwen.

Os dois apaixonaram-se, o príncipe das fadas e a mortal. À noite, enquanto os outros dormiam, ele levava-a a voar no seu enorme cavalo alado. Nunca falaram do seu amor, porque o orgulho bloqueava as suas palavras. Uma noite, o pai de Gwen acordou inesperadamente e viu-a com Carrick, quando desmontavam do cavalo branco. Temeroso pela filha, ele prometeu-a a outro, insistindo para que o casamento fosse celebrado o mais depressa possível.

Carrick voou no seu cavalo até ao sol. Recolheu as faíscas incandescentes na sua bolsa de prata. Quando Gwen saiu do chalé para o encontrar, antes do casamento, ele abriu a bolsa de prata e despejou os diamantes do sol a seus pés.

— Aceita-os e a mim, pois representam a minha paixão por ti — declarou Carrick.

Ele prometeu-lhe a imortalidade, uma vida de riquezas e glória. Mas nunca, nem uma única vez, falou de amor.

Por isso, Gwen recusou. Os diamantes deixados na relva transformaram-se em flores.

Carrick procurou-a mais duas vezes. Na seguinte, ela já trazia no ventre a sua primeira criança. Ele tirou pérolas da bolsa de prata, lágrimas da lua, que fora buscar para Gwen. Representavam o seu anseio por ela, disse Carrick. Mas anseio não é amor, e ela manteve o compromisso com o outro.

Quando ela se afastou, as pérolas na relva transformaram-se em flores.

Muitos anos se passaram antes que Carrick voltasse pela última vez. Durante esse tempo, Gwen criara os filhos, cuidara do marido na doença e sepultara-o, já idosa. Carrick passara os anos a remoer no seu palácio, a voar pelo céu, no seu cavalo alado.

Mergulhou no mar, para arrancar do seu coração o último presente para Gwen. Despejou a seus pés safiras cintilantes, que ardiam na relva. Representavam a sua constância por Gwen. E então, quando Carrick finalmente falou de amor, ela pôde apenas verter lágrimas amargas, pois a sua vida estava a chegar ao fim. Disse-lhe que era tarde demais, que nunca precisara de riqueza ou glórias, mas apenas de saber que ele a amava, e que a amava profundamente, para perder o medo de renunciar ao seu mundo pelo de Carrick. E, dessa vez, quando Gwen se virou para o deixar, enquanto as safiras desabrochavam em flores, a mágoa e a fúria levaram Carrick a lançar um encantamento. Gwen não encontraria a paz sem ele, nem se tornariam a ver até que, por três vezes, apaixonados se aceitassem um ao outro, arriscando os seus corações e optando pelo amor acima de tudo.

Trezentos anos, pensou Trevor mais tarde, ao entrar no chalé em que Gwen vivera e morrera. Muito tempo para se esperar. Ele ouvira o relato de Jude, com a sua voz suave de contadora de histórias, sem interromper. Nem sequer lhe dissera que já conhecia partes da história. De alguma forma, ele sabia.

Sonhara com aquilo.

Também não dissera que poderia descrever Gwen, até o verde dos olhos e a curva da face. Pois também sonhara com ela.

Quase se casara com Sylvia, porque ela lembrava essa imagem de sonho. Uma mulher serena, de extrema simplicidade. Deveria ter dado tudo certo entre os dois, pensou ele, enquanto subia para tomar um duche e se livrar da sujidade do trabalho. Ainda o irritava o facto de que tal não acontecera. No final, simplesmente não dera certo.

Sylvia soubera primeiro, e deixara-o gentilmente, antes que ele admitisse que já tinha um olho na porta. Talvez fosse isso o que mais o incomodava. Não tivera a cortesia de consumir o fim do relacionamento. Ela perdoara-o por isso, mas Trevor ainda não se perdoara.

Ele inspirou a fragrância no instante em que entrou no quarto. Delicada, feminina, como pétalas de rosa que tivessem acabado de cair na relva molhada pelo orvalho.

— Um fantasma que usa perfume — murmurou Trevor, estranhamente divertido. — Mas se és discreta, vira as costas.

Ele despiu-se no quarto e foi para a casa de banho. Passou o final da tarde sozinho, pondo o trabalho em dia, lendo os faxes recebidos pelo aparelho que trouxera, enviando as respostas. Presenteou-se com uma cerveja e foi para o jardim, na claridade final do dia, no meio do silêncio impregnado de ansiedade, contemplando as estrelas que pulsavam para a vida.

Tim Riley, quem quer que fosse, parecia ter razão. A chuva esperaria mais um pouco para cair. Os alicerces do prédio ficariam prontos antes.

No instante em que ele se virou, para voltar a entrar no chalé, um movimento no alto atraiu a sua atenção. Uma mancha de branco e prateado contra o céu a escurecer. Mas, quando ele olhou mais atentamente, contraindo os olhos, viu apenas as estrelas e a lua a surgir no céu, em quarto crescente.

Uma estrela cadente, concluiu Trevor. Um fantasma era uma coisa, mas um cavalo alado, montado pelo príncipe das fadas, era outra, muito diferente.

Mas ele teve a impressão de ouvir gaitas e flautas soarem alegremente no silêncio, enquanto fechava a porta do chalé para a noite.

CAPÍTULO DOIS

Darcy Gallagher sonhava com Paris. A passear pela Rive Gauche, numa tarde perfeita de Primavera, com a fragrância das flores a impregnar o ar, o céu azul sem qualquer nuvem.

E, talvez o melhor de tudo, o peso dos sacos de compras nas suas mãos.

Nos seus sonhos, era a *dona* de Paris, não por breves férias de uma semana, mas pelo tempo que quisesse. Podia parar durante uma ou duas horas num café com pequenas mesas na calçada, bebendo um vinho delicioso e contemplando o mundo passar... pois parecia que o mundo inteiro desfilava em Paris.

Mulheres de pernas longas em vestidos elegantes, homens de olhos escuros a observarem-nas. A velha na bicicleta vermelha, com as suas baguetes a projectarem-se do saco da padaria, as crianças impecáveis, em fila, a marcharem nos seus uniformes escolares.

Todos lhe pertenciam, assim como o trânsito indisciplinado e barulhento, e a pequena carroça parada na esquina, a transbordar de flores. Não precisava de subir ao topo da Torre Eiffel para ter Paris a seus pés.

Sentada ali, a tomar o vinho e a saborear o queijo, envelhecidos até à perfeição, ela escutava a cidade que lhe pertencia. Havia música em redor, nos arrulhos dos pombos omnipresentes, no *zunido* quando alçavam voo, nos bips incessantes das buzinas, nos estalidos de saltos altos nas calçadas, no riso dos apaixonados.

No preciso momento em que ela suspirava, numa feliz bem-aventurança, a trovoada ressoou. Ao ouvir o ribombo, ela olhou para o céu. As nuvens eram sopradas de oeste, escuras e densas. O sol forte reduziu-se ao falso crepúsculo que precede uma tempestade. O rumor transformou-se num estrondo, que a fez levantar-se de um pulo. As pessoas em redor continuaram sentadas, a conversar, a passear, como se nada tivessem ouvido, nada estivesse errado.

Ela pegou nos sacos, começou a afastar-se, à procura de abrigo, um lugar seguro. E um raio, com os contornos azuis a crepitarem, caiu no chão, junto dos seus pés.

Darcy acordou com um sobressalto, o sangue a ressoar nos seus ouvidos, escutando o eco do próprio grito.

Estava no seu quarto, por cima do *pub*, não em alguma extravagante tempestade em Paris. Descobriu algum conforto nisso, nas paredes familiares, na suave claridade. Encontrou mais conforto ainda quando se sentou na cama e viu as roupas e bijutarias com que se presenteara em Paris, espalhadas em redor.

Era o retorno à realidade, pensou. Mas pelo menos voltara com alguns troféus.

Fora uma semana agradável, o perfeito presente de aniversário que dera a si própria. Uma indulgência, admitiu para si mesma, despende uma parte considerável das suas economias daquela maneira. E de que serviam as economias se uma mulher não pudesse usá-las para comemorar de maneira espectacular o seu primeiro quarto de século de vida?

Reporia tudo o que gastara. E agora, que tomara um pouco o gosto de uma viagem de verdade, tencionava experimentar de novo, numa base mais regular. No ano seguinte, iria a Roma ou Florença. Ou talvez Nova Iorque. Teria de ser alguma cidade maravilhosa. Começaria o fundo de férias de Darcy Gallagher naquele mesmo dia.

Antes de Paris, sentia-se desesperada por escapar. *Ver* alguma coisa, qualquer coisa que não fosse o que contemplava em todos os dias da sua vida. A inquietação era uma sensação a que estava acostumada, que chegava mesmo a apreciar. Mas dessa vez fora como se houvesse uma pantera presa, a andar de um lado para o outro, rosnando, pronta para cravar as suas garras, atacar as pessoas que mais amava.

Viajar fora a melhor coisa que poderia ter feito por si mesma, sem falar nas pessoas mais próximas. A inquietação ainda persistia, sempre se agitaria no seu íntimo. Mas o rosnado, os passos incansáveis de um lado para o outro, haviam cessado.

E agora sentia-se contente por estar em casa, ansiosa por se encontrar com a família, os amigos, todas as coisas que prezava. E ansiava também por contar tudo o que vira e fizera durante aqueles sete dias gloriosos em Paris.

Mas precisava de se levantar e arrumar tudo. Chegara demasiado tarde na noite anterior para fazer algo mais do que

abrir as malas e admirar as suas novas aquisições. Tinha de guardar tudo, arrumar os presentes que trouxera, porque não era de tolerar o desleixo por muito tempo.

Sentira saudades da família. Apesar do turbilhão inebriante de ver e fazer, do simples facto de *estar* em Paris, sentira saudades de todos. Não sabia se era vergonhoso da sua parte não ter previsto que isso pudesse acontecer.

Não poderia dizer que sentira saudades do trabalho, de carregar as bandejas de um lado para o outro, servir as incontáveis canecas de cerveja. Fora glorioso *ser* servida, para variar. Mas agora queria descer e saber como o *pub* sobrevivera sem ela. Mesmo que isso significasse passar o resto do dia de pé.

Darcy espreguiçou-se, com os braços bem erguidos, girando a cabeça, concentrada no prazer que o movimento proporcionava ao seu corpo. Era uma mulher que não acreditava em desperdiçar as suas sensações, tal como não desperdiçava as suas libras.

Foi só depois de ter saído da cama que ela compreendeu que o rumor constante proveniente lá de fora não era trovoadas.

A construção, lembrou-se Darcy. Não seria adorável ouvir aquele barulho todas as benditas manhãs? Ela vestiu um roupão e foi até à janela para verificar o progresso durante a sua ausência.

Não sabia nada sobre a indústria da construção. Por isso, o que viu lá fora pareceu-lhe uma terrível confusão feita por alguns brincalhões retardados. Pilhas de detritos, sulcos na terra, um vasto chão de argamassa a sair de um enorme buraco. Havia torres quadradas nos cantos, com lanças de metal que se projectavam para cima. Um camião enorme e feio girava um tambor, com um barulho ensurdecador.

A maioria dos operários, em roupas simples e botas imundas, parecia empenhada em aumentar ainda mais a confusão e imundície.

Ela avistou Brenna, com o boné na cabeça e as botas sujas. Ao vê-la, aquela amiga eterna, agora também sua irmã, Darcy sentiu um fluxo de profunda satisfação.

Envergonhara-a — e isso ainda acontecia — saber que parte do motivo para querer escapar de Ardmore, de alguma forma, fora o casamento de Brenna e Shawn. Sem falar no comportamento do seu irmão mais velho, Aidan, e da sua mulher, Jude, que planeavam felizes o nascimento do bebê, no final do Verão. Claro que se sentia emocionada por eles. Não poderia estar mais encantada pela felicidade de todos. No entanto, quanto mais contentes e tranquilos eles se sentiam, mais descontente e intranquila ela se descobria.

A sua vontade era cerrar os punhos, sacudi-los no ar, e indagar: Onde está o meu? Quando terei o meu?

Era egoísmo, pensou, um pecado ainda por cima, mas não podia evitar.

Mas agora, ao voltar, esperava estar melhor.

Darcy observou a amiga a atravessar o terreno das obras e ajudar um operário com os tijolos. A Brenna está no seu elemento, pensou. Satisfeita como um cachorrinho que ganha um pedaço de carne. Sentiu vontade de abrir a janela, gritar um cumprimento. Mas pensou no efeito que uma mulher de roupão, debruçada numa janela, teria sobre o ritmo de trabalho dos operários.

Como o pensamento de causar um tumulto a divertiu, Darcy inclinou-se para fora. Já entreabrira a janela quando se apercebeu que um homem a observava.

Um homem alto, ela notou. E sempre sentira uma atração especial por homens altos. Não usava capacete de operário, e os cabelos cor de mel eram desmanchados pela brisa. A roupa era de operário... e, na opinião de Darcy, vestido com mais elegância do que a maioria. O corpo esguio tinha alguma relação com isso, mas ela considerou que era também uma questão de confiança. Ou arrogância, reflectiu, enquanto o homem continuava a contemplá-la.

Darcy não tinha qualquer problema com a arrogância, já que também era assim.

Poderia até ser uma diversão interessante, concluiu ela. Um rosto bonito, um olhar ousado. Se fores capaz de arranjar as palavras para uma conversa razoável, podes valer um pouco do meu tempo. Desde que não sejas casado, claro.

Mas, casado ou não, não haveria mal algum num pequeno flirt. Não tencionava passar disso, com um homem que provavelmente vivia de um salário para o outro.

Por isso, ela sorriu para o estranho. Um sorriso lento, caloroso, deliberado. Depois, levando um dedo aos lábios, soprou um beijo gracioso. Darcy observou os dentes do homem faiscarem num sorriso, antes de ela sair da janela.

Era sempre melhor, na sua opinião, deixar um homem não apenas a querer mais, mas também a especular.

Ali estava uma mulher que sabia causar efeito, pensou Trevor. Como um soco no estômago. E ainda sentia o impacto. Se era Darcy Gallagher — ele presumiu que era — acabava de compreender por que razão o austero Finkle ficava gago e com os olhos a faiscar cada vez que falava a seu respeito.

Era uma mulher deslumbrante, sem dúvida, e ele gostaria de contemplá-la mais de perto. Darcy deixara-lhe uma impressão de bela adormecida, cabelos escuros e revoltos, pele branca, feições delicadas. E não tinha uma falsa moderação. Fitara-o abertamente, nos olhos, avaliando-o, da mesma forma que ele fizera. O beijo soprado com tanta descontração fora fascinante.

Ele pensou que Darcy Gallagher seria um passatempo muito interessante enquanto estivesse em Ardmore.

Descontraído, Trevor pegou em alguns tijolos e levou-os para a área em que Brenna trabalhava.

— Acha que a mistura está no ponto certo? — indagou ele, acenando com a cabeça para a argamassa fresca.

— Está, sim. Uma boa consistência. Vai acabar rapidamente, mas acho que é o suficiente para o que precisamos de fazer agora.

— Se achar que vai faltar, é só pedir mais. Acho que a sua amiga voltou das férias.

— Hum... — Distraída, Brenna removeu o excesso de argamassa com a colher de pedreiro, antes de levantar os olhos.

— A Darcy?

Satisfeita, ela olhou para a janela.

— Cabelos pretos, sorriso insinuante. E linda.

— É a Darcy.

— Eu... vi-a na janela. Se quiser entrar para falar com ela, pode fazer um intervalo.

— Eu bem que gostaria. — Brenna pegou em mais argamassa com a colher. — Só que ela trancaria a porta ao ver como estou neste momento. A Darcy é muito exigente no seu apartamento. Não gostaria que eu deixasse um rasto de sujidade. Mas vamos ver-nos ao meio-dia.

Ela espalhou a argamassa com a rápida eficiência de uma pessoa experiente. Assentou o tijolo seguinte.

— Uma coisa lhe posso adiantar, Trevor: os seus homens ficarão com o coração partido. É raro que alguém passe perto da nossa Darcy sem ser afectado.

— Desde que mantenhamos o prazo das obras, o coração é problema de cada um.

— Eu farei com que não haja qualquer atraso. E a Darcy vai proporcionar-lhes sonhos felizes, embora impossíveis. Por falar em prazo, acho que poderíamos instalar a canalização nesta secção até ao fim-de-semana. Só que os canos não chegaram esta manhã, como estava previsto. Quer que o meu pai e eu verifiquemos o que aconteceu?

— Não se preocupe. Eu próprio trato disso.

— Espero que lhes dê um valente sermão. Pode usar o telefone na cozinha do *pub*. Destranquei a porta dos fundos quando cheguei esta manhã. Tenho o número na minha agenda.

— Também tenho. Receberemos os canos ainda hoje.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — murmurou Brenna, enquanto ele se afastava, na direcção da porta da cozinha.

A cozinha era imaculada. Asseio era uma coisa que Trevor notava e exigia em qualquer empreendimento em que tivesse participação. Imaginava que os Gallagher não pensariam que ele tivesse alguma participação no *pub*, do seu ponto de vista, no entanto, o Gallagher's era agora também da sua conta.

Ele tirou a pequena agenda do bolso. Em Nova Iorque, teria sido a sua assistente a procurar o número e a fazer a ligação. Ela subiria vários degraus, até chegar à pessoa no comando.

Só então, se fosse necessário, o problema seria passado para ele.

Mas tinha de admitir que poupava tempo e frustração — e até lhe agradava — fazer tudo pessoalmente, dando aquele valente sermão.

Nos cinco minutos que levou para chegar ao cimo das escadas, Trevor ficou a olhar para a lata de biscoitos. No pouco tempo em que frequentava o Gallagher's, passara a saber que os *cookies*, quando havia, eram sempre de fabrico caseiro. E deliciosos.

Trevor pegou num de aveia e mel, quase do tamanho do seu punho, enquanto arrasava o supervisor de entregas, sem sequer erguer a voz. Anotou o nome, caso precisasse de falar de novo. Recebeu a garantia pessoal de que os canos seriam entregues na obra até ao meio-dia.

Satisfeito, ele encerrou a ligação. Estava a decidir se pegava ou não num segundo *cookie* quando ouviu passos nas escadas. Desta vez, optando por um de manteiga de amendoim, recostou-se no balcão, preparado para ver Darcy Gallagher, de verdade, pela primeira vez.

Como os *cookies* de Shawn, ela era espectacular.

Darcy parou no fundo das escadas, elevou uma sobrancelha fina. Os olhos eram azuis, como os dos irmãos, uma cor brilhante que se destacava contra a pele muito branca e imaculada. Os cabelos estavam soltos, espalhando-se em ondas fascinantes pelos ombros.

Vestia-se com uma elegância que parecia mais apropriada à Madison Avenue, em Nova Iorque, do que a Ardmore.

— Bom dia. Está a tomar chá?

— Vim fazer um telefonema.

Trevor deu uma mordidela no *cookie* enquanto a ob-

servava. A voz, irlandesa, meio rouca, era tão sensual quanto o resto.

— Vou fazer um chá, pois acabou o que tinha lá em cima, e não gosto de começar o dia sem isso. Deixa-me irritada. — Darcy estudou-o, enquanto se encaminhava para o fogão. — Quer uma chávena para acompanhar o biscoito ou já tem de voltar para o trabalho?

— Posso tirar um minuto de folga.

— Tem sorte por o seu patrão não ser muito rigoroso. Ouvi dizer que o Magee sabe administrar com a maior eficiência.

— É o que dizem.

Enquanto a água aquecia na chaleira, Darcy pegou no bule. O homem era ainda mais atraente de perto. Ela gostou do rosto anguloso, da pequena cicatriz no queixo. Proporcionava-lhe uma aparência perigosa, e Darcy sentia-se cansada de homens sensatos. Não usava aliança, ela notou, embora nem sempre isso significasse alguma coisa.

— Veio da América para trabalhar na construção do teatro?

— Isso mesmo.

— Está muito longe de casa. Espero que possa trazer a sua família.

— Se se está a referir a uma esposa, não sou casado.

Ele partiu o *cookie* a meio e ofereceu-lhe metade. Divertida, Darcy aceitou.

— Isso deixa-o livre para viajar em trabalho, não é assim? E o que faz?

— Tudo o que for necessário.

Não poderia haver qualquer dúvida de que o homem

era mesmo perigoso, pensou Darcy, enquanto dava uma mordidela no *cookie*.

— Eu diria que isso o transforma num homem conveniente para se ter sempre por perto.

— E passarei um bom tempo aqui. — Trevor esperou, enquanto ela pegava na chaleira e despejava a água a ferver no bule. — Gostaria de jantar comigo?

Darcy lançou-lhe um olhar de lado, acrescentando um sorriso.

— Claro que aprecio um bom jantar, ainda mais em companhia interessante. Mas acabo de voltar de férias e não terei tempo por enquanto. O meu irmão Aidan é muito exigente com o horário.

— Que tal pequeno-almoço?

Darcy largou a chaleira.

— Posso gostar. Talvez queira convidar-me de novo dentro de um ou dois dias, depois de eu assentar.

— Talvez convide.

Ela sentiu-se vagamente surpresa e algo desapontada porque ele não insistira no convite. Estava acostumada a ouvir os homens a suplicar. Mas virou-se, pegando nas canecas para servir o chá.

— De que parte da América vem você?

— Nova Iorque.

— Da cidade de Nova Iorque? — Os olhos faiscavam quando ela tornou a virar-se e o fitou. — É mesmo maravilhosa?

— Muita coisa é.

— Deve ser a cidade mais emocionante do mundo. — Darcy pegou na caneca com as duas mãos, enquanto imaginava, como já fizera muitas vezes antes. — Talvez não seja a

cidade mais bonita. Achei que Paris era uma beleza... feminina, insinuante, sensual. Penso em Nova Iorque como um homem... exigente, afoito, a transbordar de energia, onde é preciso correr para acompanhar o seu ritmo.

Divertida com os seus próprios comentários, ela largou a sua caneca no balcão, enquanto acrescentava:

— Provavelmente você não tem essa impressão, porque acostumou-se a viver ali durante toda a sua vida.

— Duvido que você pense em Ardmore, incluindo a região em redor, como mágica. — Trevor notou que ela franziu as sobrancelhas à palavra. — Como um pequeno canto do mundo, quase perfeito, onde você pode projectar-se para trás ou para a frente no tempo, como preferir. E embora haja muita energia aqui, vem com paciência. Por isso, não é preciso correr para acompanhar o ritmo.

— Não é interessante como as pessoas vêem o que parece banal para outras? — Ela serviu o chá a Trevor. — Acho que um homem capaz de filosofar com tanta facilidade, enquanto toma um chá com biscoitos, pode estar a desperdiçar o seu tempo como operário numa obra.

— Não me esquecerei disso. Obrigado pelo chá. — Trevor encaminhou-se para a porta, passando suficientemente perto para descobrir que ela cheirava tão bem quanto parecia. — Trarei a chávena de volta.

— Acho bem. O Shawn sabe tudo o que tem na sua cozinha, até à última colher.

— Apareça à janela de novo — acrescentou ele, ao chegar à porta. — Gostei de olhar para si.

Darcy sorriu para si mesma, depois de ele ter saído.

— Também gostei de olhar para ti, Nova Iorque.

Ela pegou no bule de chá, a fim de o levar para o seu apartamento, enquanto pensava na sua resposta para a próxima vez em que o americano a convidasse. A porta dos fundos foi aberta nesse instante.

— Voltaste.

Brenna deu um passo para dentro da cozinha. Fragmentos de cimento seco espalharam-se pelo chão.

— Fica longe de mim. — Darcy ergueu o bule, como se fosse um escudo. — Por Jesus Cristo, Brenna, despejas tanta argamassa em ti quanto nos tijolos!

— Não é bem assim. E não te preocupes. Não te vou abraçar.

— Nem eu te deixaria.

— Mas senti saudades.

Embora comovida, Darcy soltou uma gargalhada desdenhosa.

— Andas demasiado ocupada como recém-casada para sentires saudades de mim.

— Posso fazer as duas coisas. Sobrou um pouco de chá para mim? Tenho dez minutos de folga.

— Está bem. Mas pega num jornal velho para pões na cadeira antes de te sentares. Também senti saudades.

Darcy pegou noutra chávena.

— Eu sabia que sentirias. Ainda acho que foi muito arriscado ires a Paris sozinha. Adoraste? — Obediente, Brenna ajeitou o jornal na cadeira. — Era tudo o que imaginavas?

— Era, sim. Tudo em Paris, os sons e os cheiros, os prédios, as lojas, os cafés. Poderia passar um mês na cidade apenas a olhar. Só falta aprenderem a fazer um bom chá. — Darcy tomou um gole. — Mas dei-me muito bem com o vinho. Todos

se vestem com elegância, mesmo quando não estão a tentar. Comprei algumas roupas maravilhosas. As vendedoras mantêm-se indiferentes. Parece que estão a fazer um grande favor ao aceitarem o teu dinheiro. E isso acrescentou alguma coisa à minha experiência.

— Fico contente que tenhas gostado das férias. Pareces descansada.

— Descansada? Quase não dormi durante toda a semana. Mas... estou cheia de energia. Claro que planeava dormir como uma pedra até ter de me levantar para o trabalho. Mas o barulho lá fora era suficiente para acordar os mortos.

— Vais ter de te acostumar. Mas a obra está a avançar bem depressa.

— Não é a impressão que tenho, da minha janela. Mais parece uma pilha de entulho, com algumas valas.

— Os alicerces estarão prontos e a canalização instalada até ao final da semana. É uma boa equipa. Os que vieram de Nova Iorque estão bem treinados, e os daqui foram escolhidos a dedo por mim e pelo meu pai. O Magee não tolera preguiçosos. E sabe tudo sobre a construção de um prédio. Por isso, temos de estar sempre atentos.

— O que me diz que tu estás a gostar do trabalho.

— E muito. Agora, é melhor eu voltar.

— Espera um instante. Tenho um presente para ti.

— Já contava com isso.

— Fica aqui enquanto subo para o ir buscar. Não quero que sujes o apartamento.

— Também já contava com isso — murmurou Brenna, enquanto a amiga subia apressada.

— Não está numa caixa — avisou Darcy lá de cima. —

Era mais fácil apenas embrulhar e pôr numa bolsa. A Jude foi muito previdente ao dizer-me para levar uma mala extra. Mas o teu presente não ocupou muito espaço.

Ela voltou com um saco de compras pequeno. Franziu os olhos ao observar as mãos de Brenna.

— Podes deixar que eu desembulho por ti.

Darcy tirou um pequeno embrulho de papel de seda. Abriu-o e suspendeu o presente.

Brenna ficou atordoada.

— O Shawn vai adorar — murmurou Darcy.

Era uma camisola curta, com alças finas, de um verde tremeluzente, quase transparente.

— Ele teria de ser um idiota para não gostar — concordou Brenna, assim que recuperou a voz. — Estou a tentar imaginar-me a usar isso. — Um sorriso divertido iluminou os seus olhos, enquanto acrescentava: — Acho que eu também vou adorar. É linda, Darcy.

— Vou guardá-la até que acabes o trabalho, te laves em condições e estejas pronta para voltar para casa.

— Obrigada. — Brenna deu um beijo no rosto da amiga, tomando cuidado para não transferir qualquer sujidade. — Não vou dizer que pensarei em ti quando a estiver a usar. E também não acho que irias gostar.

— Claro que não.

— Não mostres ao Shawn — pediu Brenna, antes de sair. — Quero fazer-lhe uma surpresa.

Foi quase muito fácil retomar a rotina. Embora Shawn se recusasse a discutir com ela, porque lhe comprara um luxuoso

livro de culinária francesa em Paris, tudo o resto se ajustou sem problemas. Como se nunca se tivesse ausentado, pensou Darcy.

E não tinha a certeza se isso lhe agradava ou se a deixava irritada.

O movimento intenso ao almoço manteve-a ocupada. Além dos frequentadores habituais, havia muitos turistas, que começavam a aparecer em grupos no início da temporada. Sem falar nos homens contratados para a construção do teatro.

Apenas meio-dia e meia, pensou Darcy, e não havia uma única mesa vaga. Sentia-se grata por Aidan ter contratado Sinead para ajudar. Mas, pela Santa Mãe de Jesus, a rapariga era mais lenta do que um caracol manco.

— Ei, menina, ainda estamos à espera para pedir!

Darcy reconheceu a maneira de falar. Escola particular britânica, o tom irritado. Tratou de exhibir o seu melhor sorriso. A mesa era de Sinead, mas só Deus sabia onde a rapariga estava.

— Desculpe. O que desejam?

— Vamos querer o especial do dia, mais um copo de Smithwick's.

— Trarei a cerveja num instante.

Ela foi até ao balcão, anotando mais três pedidos de passagem. Com agilidade, passou para o outro lado do balcão, na extremidade. Gritou os pedidos de cerveja para Aidan, antes de entrar na cozinha.

Graça sob pressão, notou Trevor. Ele entrara no *pub* pouco antes, e fora sentar-se com alguns operários a uma mesa ao fundo. Um ponto de observação perfeito para acompanhar os movimentos no trabalho da atraente Sra. Gallagher.

Havia um brilho belicoso nos seus olhos quando ela voltou da cozinha. Persistiu, apesar da jovialidade nas conversas

com os frequentadores. Darcy servia as bebidas e os pratos, despejando boa disposição sobre os clientes. Mas Trevor notou que os olhos azuis se mantinham vigilantes. E pegaram fogo quando se fixaram em Sinead, que vinha da direcção das casas de banho.

Estás perdida, rapariga, pensou Trevor. Ela vai mastigar-te e cuspir os pedacinhos.

E seria exactamente assim que ele trataria um empregado preguiçoso.

Deu nota dez a Darcy por manter o controlo, limitando-se a lançar um olhar fulminante à nova empregada, com uma ordem rápida para atender as suas mesas. A movimentada hora do almoço não era o momento apropriado para uma repreensão. Mas ele imaginou que as orelhas de Sinead arderiam logo a seguir.

E reflectiu que era o seu dia de sorte, pois Darcy aproximava-se agora da sua mesa.

— O que vão querer estes belos homens hoje? — Ela pegou no bloco, fitando Trevor. — Parece estar faminto.

— Não se pode errar com o especial do Gallagher's — disse Trevor.

— Nunca. Vai querer uma caneca a acompanhar?

— Chá. Gelado.

Darcy revirou os olhos.

— É a forma de um ianque estragar um bule de chá. Mas vamos tratar disso. E vocês?

— Gosto da forma como preparam o peixe com batatas fritas.

Darcy sorriu para o homem magricelas, de rosto feio e simpático.

— O meu irmão vai agradecer o comentário. E de onde vem, se não se importa que eu pergunte? Fala com um sotaque adorável.

— Da Geórgia, senhora. Donny Brime, de Macon, Geórgia. Mas nunca ouvi ninguém falar de uma forma tão bela como você. E gostaria de tomar também um chá gelado, como o chefe.

— E eu já começava a pensar que corria sangue irlandês nas suas veias. E qual é o seu pedido?

— Quero o pastelão de carne, mais batatas fritas. E também... — O homem corpulento, com a barba escura, irregular, lançou um olhar pesaroso a Trevor. — Traga também um chá gelado.

— Voltarei com as bebidas o mais depressa que puder.

— Ela é a coisa mais linda que já vi em toda a minha vida — murmurou Donny, com um suspiro profundo, enquanto Darcy se afastava. — Deixa um tipo contente por ser homem, não é assim, Lou?

Lou cofiou a barba.

— Tenho uma filha de quinze anos. Se surpreendesse um homem a olhar para ela da forma como contemplei aquela mulher maravilhosa, teria de o matar.

— A sua esposa e filha ainda planeiam vir para cá? — perguntou Trevor.

— Assim que terminarem as aulas da Josie, dentro de duas semanas.

Trevor recostou-se, enquanto os dois falavam das suas famílias. Não havia ninguém à sua espera em casa ou a aguardar, ansiosa, o dia em que voaria para vir ao seu encontro. Não era uma coisa que o perturbasse. Sempre achara que era

melhor viver sozinho do que cometer um erro, como ele quase fizera.

Viver sozinho significava que poderia ir e vir conforme precisasse, de acordo com as exigências do trabalho. E sem a culpa ou tensão que viagens frequentes poderiam acrescentar a um relacionamento. Por mais que a sua mãe ansiasse para que ele casasse e lhe desse netos, a verdade pura e simples era que, sozinho, podia cuidar da sua vida com mais eficiência.

Ele olhou para uma mesa próxima, em torno da qual se sentava uma família ainda jovem. A mulher fazia tudo o possível para acalmar um bebé nervoso, enquanto o homem, frenético, enxugava o refrigerante que o filho de dois ou três anos derramara sobre tudo.

Não havia nada de eficiente naquilo, reflectiu Trevor.

Darcy trouxe o chá, parecendo indiferente ao facto de o miúdo ter passado do lamento para o gemido.

— A comida ficará pronta num instante. Se quiserem mais chá, basta fazerem-me um sinal.

Ainda a sorrir, ela virou-se para a mesa ao lado e entregou ao jovem pai uma pilha de guardanapos. Quando ele começou a desculpar-se, Darcy acenou para indicar que não precisava de o fazer.

— Não é assim tão terrível, pois não, meu pequeno homem? — Ela baixou-se para ficar ao nível do pequeno rapaz. — Basta enxugar. O problema é que esse choro assusta as fadas. Poderias atraí-las de volta, se não estivessem com medo de que as tuas lágrimas pudessem afogá-las.

— Onde estão as fadas? — indagou ele, com a voz irritada de uma criança que precisa desesperadamente de um aconchego.

— Estão escondidas agora. Mas voltarão assim que tiverem a certeza de que tu não tens a intenção de lhes causar qualquer mal. Podem até dançar em torno da tua cama na próxima vez que encostares a cabeça ao travesseiro. Aposto que a tua irmã está a ver as fadas neste momento. — Darcy acenou com a cabeça para o bebé, que mergulhara no sono. — Repara no sorriso dela.

O menino passou para soluços intermitentes, observando a irmã a dormir, com suspeita e interesse.

Aquilo, pensou Trevor, enquanto Darcy se deslocava para a mesa seguinte, era eficiência.

CAPÍTULO TRÊS

— Agora, Sinead, podemos rever tudo o que te disse quando te contratei?

Com o *pub* vazio entre os turnos, depois de pedir aos irmãos para se retirarem, Darcy estava sentada à frente da nova empregada. Aidan dirigia o *pub*, é verdade, e Shawn mandava na cozinha, mas era sabido que o controlo do serviço pertencia a Darcy.

Sinead mexeu o rabo magro no banco, procurando uma posição mais confortável, num esforço para se concentrar.

— Disseste que eu deveria anotar os pedidos com uma atitude cordial.

— É verdade. — Darcy tomou um gole do refrigerante. Esperou um pouco. — E de que mais te lembras?

— Hum...

Santo Deus, pensou Darcy, será que a rapariga é capaz de fazer qualquer coisa num ritmo mais rápido do que o de uma tartaruga?

— Bem... — Sinead mordeu o lábio. Ficou a desenhar com a ponta do dedo na toalha da mesa. — Que eu deveria certificar-me de servir a comida e as bebidas certas aos clientes certos, também com grande cordialidade.

— E lembras-te, Sinead, que eu também te disse que deves anotar e servir os pedidos com o máximo de eficiência e rapidez possíveis?

— Lembro-me, sim. — Sinead baixou os olhos para o seu copo. — É tudo muito confuso, Darcy, com todas as pessoas a querer alguma coisa ao mesmo tempo.

— Pode ser, mas as pessoas vêm ao *pub* para pedir alguma coisa, e o nosso trabalho é servi-las. E tu não podes fazer o teu serviço, se passares metade do tempo escondida na casa de banho.

— A Jude disse que eu me estava a sair muito bem.

Sinead levantou os olhos, as lágrimas transbordavam.

— Isso não vai adiantar comigo. — Darcy inclinou-se para a frente. — Ficar com os olhos cheios de lágrimas só funciona com homens e mulheres de coração mole. Não é o meu caso. Portanto, menina, trata de travar as lágrimas e presta muito atenção.

A rapariga respirou fundo, mas foi quase como um suspiro. Darcy acenou com a cabeça.

— Tu vieste pedir-me um emprego e prometeste que

trabalharias muito. Agora, menos de três semanas depois, já começa a afrouxar. Vou perguntar-te com toda a franqueza e quero que respondas da mesma forma. Queres continuar com o emprego?

Sinead enxugou os olhos. O rímel que comprara com o salário da primeira semana estava esborratado. Algumas pessoas poderiam achar a expressão desconsolada e enternecer-se. Darcy apenas achava que a rapariga precisava de aprender a derramar lágrimas de uma forma mais graciosa.

— Quero. Preciso do emprego.

— Precisar de um emprego e trabalhar são duas coisas diferentes. — Como vais descobrir em breve, pensou Darcy. — Quero que voltes dentro de duas horas, para o turno da noite.

As lágrimas secaram de repente, com o choque da notícia.

— Mas é a minha noite de folga!

— Já não é. Volta preparada para fazeres o trabalho pelo qual és paga, se quiseres continuar. Quero que circules depressa de mesa em mesa, que vás até à cozinha e voltes num instante. Se alguma coisa te confundir, se não te lembrares ou não compreenderes, podes pedir a minha ajuda. Mas...

Darcy fez uma pausa. Esperou até que Sinead voltasse a fitá-la nos olhos.

— Não vou tolerar que largues o trabalho. Sei que tens de fazer xixi de vez em quando, mas cada vez que passares mais de cinco minutos na casa de banho, vou descontar uma libra do teu salário.

— Tenho... tenho um problema de bexiga.

Darcy ter-se-ia rido, se não fosse tão patético.

— Nós as duas sabemos que não é verdade. Se tivesses algum problema de canalização, a tua mãe já teria contado à mãe da Brenna, e eu acabaria por tomar conhecimento.

Encurralada, Sinead passou da desculpa para o protesto.

— Mas uma libra é demais, Darcy!

— Será uma libra. Assim, antes de sumires, pensa no quanto isso te vai custar.

E a libra iria para o seu frasco de desejos, decidiu Darcy, pois seria ela quem arcaria com todo o peso do trabalho na ausência de Sinead.

— Temos uma reputação aqui no Gallagher's, construída ao longo de gerações. Se trabalhas para nós, tens de corresponder aos padrões que fixámos. Se não podes ou não queres, és demitida. Esta é a tua segunda oportunidade, Sinead. Não terás uma terceira.

— O Aidan não é tão exigente como tu.

Darcy arqueou uma sobrancelha, enquanto o lábio inferior de Sinead tremia.

— Não estás a lidar com o Aidan agora, pois não? Tens duas horas. Volta na hora marcada senão irei presumir que decidiste que não queres mais o emprego.

— Estarei aqui. — Numa irritação óbvia, Sinead levantou-se. — Posso cuidar do trabalho. Envolve apenas carregar bandejas. Não é preciso ter qualquer inteligência.

Darcy ofereceu o seu sorriso mais jovial.

— Apanhaste o espírito da coisa.

— Quando eu tiver dinheiro suficiente para casar com o Billy, vou largar tudo.

— É uma boa ambição. Mas agora tens de te preocupar com o dia de hoje. E acho melhor saíres para esfriares a cabeça,

antes que digas alguma coisa de que possas vir a arrepender-te mais tarde.

Darcy continuou sentada, enquanto Sinead atravessava o *pub*. Como já esperava que a rapariga batesse com a porta, apenas revirou os olhos ao estrondo.

— Se ela usasse metade daquela energia no trabalho, não teríamos tido esta conversinha desagradável.

Ela flectiu os ombros, para aliviar um pouco a tensão. Também contraiu os dedos dentro dos sapatos, para diminuir a dor. Apenas depois se levantou. Pegou nos copos e virou-se para os levar até ao balcão. Foi nesse instante que Trevor entrou, pela porta da cozinha.

Eis um belo exemplar do que Deus pretendia ao projectar o homem, pensou Darcy. Ele podia parecer um pouco cansado e sujo do trabalho, mas isso não reduzia a sua atracção.

— De momento estamos fechados.

— A porta dos fundos não estava trancada.

— Somos sempre acolhedores. Mas, infelizmente, não lhe posso vender uma caneca de cerveja neste momento.

— Não vim tomar cerveja.

— Não? — Ela sabia o que um homem queria quando a fitava daquela forma, mas o jogo exigia a sua participação. — O que procura então?

— Não procurava nada quando me levantei esta manhã. — Trevor foi encostar-se ao balcão. Ambos sabiam do que se tratava, pensou ele. E a dança era muito mais simples quando ambas as partes conheciam os passos. — Até que te vi.

— És sempre tão insinuante, *Mister Nova Iorque*?

— Trev. Já que tens duas horas de folga, porque não as passas comigo?

— E como sabes que tenho uma folga?

— Entrei no final da tua decisão de empregadora. E ela está enganada.

— Acerca de quê?

— É preciso ter-se inteligência e saber como usá-la. Como acontece contigo.

Isso surpreendeu-a. Era raro o homem que percebia que ela tinha alguma inteligência, e mais raro ainda o que chegava a comentar a respeito.

— Queres dizer que te sentes atraído pelo meu cérebro?

— Não. — Os olhos de Trevor faiscaram num brilho divertido, os lábios contraíram-se numa insinuação de sorriso, o que fez com que um calafrio subisse pela espinha de Darcy. — Sinto-me atraído pela embalagem, mas estou interessado no cérebro.

— Gosto de um homem honesto, na maioria das circunstâncias.

Ela considerou-o por mais um momento. Trevor não daria para mais do que um flirt agradável. E Darcy ficou surpresa ao sentir alguma pena por assim ser.

Mas ele tinha razão num ponto. Ela dispunha de tempo.

— Não me importaria de dar uma volta pela praia. Mas não devias estar a trabalhar?

— O meu horário é flexível.

— Sorte a tua. — Darcy foi até à extremidade do balcão e levantou a abertura. — E talvez a minha também.

Trevor avançou e passou para o outro lado. Parou e virou-se, olhando para Darcy, bem de perto.

— Uma pergunta.

— Tentarei dar uma resposta honesta.

— Porque não há ninguém que eu tenha de matar antes de fazer isto?

Ele inclinou-se, e roçou os lábios levemente nos de Darcy.

— Sou muito exigente. — Ela baixou a abertura, e encaminhou-se para a porta. Virou a cabeça para trás e fitou-o, divertida. — E avisar-te-ei se quiser que tentes isso outra vez, Trev de Nova Iorque. Com um pouco mais de entusiasmo.

— É justo.

Saíram os dois. Ele esperou que Darcy trancasse a porta da frente.

O ar cheirava a maresia e flores. Era uma coisa que ela adorava em Ardmore. As fragrâncias e os sons, a maravilhosa extensão das águas. Havia possibilidades infinitas naquele vasto mar. Mais cedo ou mais tarde, as ondas alcançavam outras terras, com novas pessoas, coisas diferentes. O que não deixava de ser assombroso.

E havia conforto e segurança também em Ardmore, pensou Darcy enquanto erguia a mão para cumprimentar Kathy Duffy, que gritou uma saudação do seu quintal.

— É a primeira vez que visitas a Irlanda? — perguntou Darcy, ao aproximarem-se da praia.

— Não. Já estive várias vezes em Dublin.

— Uma das minhas cidades preferidas. — Ela esquadrinhou a praia, notando os grupos de turistas. Numa reacção automática, seguiu para o outro lado, na direcção dos penhascos. — As lojas e os restaurantes são maravilhosos. Não se pode encontrar nada igual em Ardmore.

— Porque não moras em Dublin?

— A minha família está aqui... ou pelo menos parte dela. Os nossos pais foram para Bóston. E não sinto um desejo intenso de me fixar em Bóston, quando há tantos outros lugares no mundo que ainda não conheço.

— O que já conheces?

Darcy virou o rosto para o fitar. Era mesmo um homem raro, reflectiu ela. Quase todos os seus conhecidos só queriam falar de si mesmos. Mas talvez aquele jogo de Trevor fosse apenas temporário.

— Paris, onde estive recentemente. Dublin, é claro, e boa parte da Irlanda. Mas o *pub* não me permite muitas viagens.

Ela virou-se, e passou a andar de costas, com a mão erguida para proteger os olhos.

— Como será que vai parecer quando estiver pronto?

Trevor parou e também se virou para estudar o *pub*.

— O teatro?

— Sim. Dei uma vista de olhos pelas plantas, mas não tenho um bom olho para essas coisas. — Darcy virou o rosto para a brisa que soprava do mar. — Mas os meus irmãos estão satisfeitos... e são muito exigentes.

— A Magee Enterprise também está satisfeita.

— Imagino. Mas é difícil compreender por que razão o homem escolheu uma pequena aldeia no sul da Irlanda para o seu projecto. A Jude diz que, em parte, se deve a uma razão sentimental.

Trevor ficou surpreendido, quase desconcertado, ao ouvir a verdade enunciada de uma forma tão casual.

— A sério?

— Conheces a história do Johnnie Magee e da Maude Fitzgerald?

— Já ouvi falar. Eram noivos, iam casar-se, mas ele foi para a guerra, e morreu na França.

— E a Maude nunca mais casou. Viveu sozinha, no chulé na Faerie Hill, pelo resto dos seus dias... e foram muitos dias, porque ela tinha cento e um anos quando morreu. A mãe do rapaz, a mãe de Johnnie Magee, lamentou a perda do filho até ela própria morrer, poucos anos depois. Dizem que era o seu favorito e que não conseguiu encontrar conforto no marido, nos outros filhos e na sua fé.

Era estranho passear por aquela praia, a conversar sobre pessoas da sua família que jamais conhecera, com uma mulher que mal conhecia. E era ainda mais estranho que estivesse a descobrir mais sobre aqueles familiares por intermédio de Darcy do que jamais soubera.

— Acho que perder um filho é a maior de todas as dores.

— Tenho a certeza de que é mesmo. Mas o que dizer das pessoas que continuaram vivas e precisavam dela? Quando se esquece o que se tem pelo que se perdeu, o pesar é uma indulgência.

— Tens razão. O que aconteceu com os outros?

— A história é que o marido passou a beber em excesso. Afundares-te no uísque não é melhor do que te afundares na tristeza. As filhas, acho que eram três, casaram assim que puderam e foram embora. O outro filho, dez anos mais novo do que Johnnie, acabou por deixar a Irlanda com a mulher e o filho pequeno. Foi para os Estados Unidos, onde fez fortuna. Nunca voltou, e dizem que nunca entrou em contacto com o resto da família e os amigos que deixou aqui.

Darcy virou-se e contemplou outra vez o *pub*.

— É preciso ter um coração duro para nunca olhar para trás, nem uma única vez.

— Tens razão — murmurou Trevor. — Só assim.

— Mas as sementes da Magee Enterprise foram semeadas em Ardmore. Parece que o Magee agora no comando está disposto a investir o seu tempo e dinheiro para que essas sementes voltem a crescer.

— E isso incomoda-te?

— Claro que não. Será bom para nós... e provavelmente para ele também. Negócios são negócios, mas há sempre margem para um pouco de sentimento, desde que não prejudique o objectivo final.

— E qual é esse objectivo?

— O lucro.

— Apenas lucro?

Darcy inclinou a cabeça para trás. Gesticulou para a baía.

— Lá vem o barco do Tim Riley, a encerrar as actividades por hoje. Ele partiu com a sua tripulação mal o dia clareou. É uma vida dura, a de pescador. O Tim e os outros saem dia após dia, lançando as suas redes, enfrentando o mau tempo e trabalhando até não poderem mais. Porque achas que eles fazem isso?

— Porque não me dizes?

— Eles adoram. — Ela sacudiu os cabelos, observando o barco subir numa onda. — Por mais que resmunguem e reclamem, adoram essa vida. O Tim cuida do seu barco como uma mãe do seu primogénito. Vende o que pesca por um preço justo, e por isso ninguém diz que o Tim Riley não merece confiança, ou seja, há o amor pelo trabalho, tradição, reputação, mas lá

no fundo encontra-se o lucro. Se não houvesse a necessidade de ganhar a vida, seria apenas um passatempo, não é assim?

Trevor pegou numa mecha dos cabelos de Darcy, que o vento soprava.

— Talvez eu também me sinta atraído pela tua mente.

Darcy soltou uma gargalhada. Recomeçou a andar.

— Gostas do que fazes?

— Claro.

— O que mais te atrai?

— O que viste quando olhaste pela janela, esta manhã?

— Vi-te a ti, não foi? — Ela foi recompensada pela expressão divertida de Trevor. — Fora isso, vi a maior imundice.

— Exactamente. Gosto muito de um terreno vazio ou de um prédio em completo abandono. As possibilidades que oferecem.

— Possibilidades... — Darcy voltou a olhar para o mar. — Posso compreender. Tu gostas de construir algo do nada ou transformar o que foi negligenciado.

— Isso mesmo. Mudar sem destruir. Se cortares uma árvore, o que pões no lugar dela valerá o sacrifício? Terá importância a longo prazo ou será apenas uma satisfação do ego a curto prazo?

— Outra vez o filósofo. — O rosto combinava com isso, pensou Darcy, embora o vento desmanchasse os seus cabelos e a pequena cicatriz falasse de um lado menos suave. — Quer isso dizer que és a consciência do Magee?

— Gosto de pensar que sim.

Um estranho sentimento para um operário, reflectiu Darcy. Não poderia negar que a atraía. A verdade é que, naque-

le momento, não poderia encontrar uma única coisa em Trevor que não a atraísse.

— Lá em cima, nos penhascos, além do hotel, há construções antigas que são grandiosas. Agora são ruínas, mas o coração permanece, como sentem muitos dos que vão até lá. Os irlandeses compreendem o sacrifício, quando e porque este é importante. Devias tentar arranjar algum tempo para ires até lá.

— Farei isso. Mas gostaria ainda mais se tu arranjasses algum tempo para me mostrar o caminho.

— É outra possibilidade.

Darcy calculou a hora. Virou-se para voltar.

— Vamos combinar. — Trevor pegou na mão de Darcy para a deter. Gostou da ligeira irritação que se insinuou nos olhos dela. — Quero ver-te de novo.

— Eu sei disso. — Uma vez que era o caminho mais simples e nunca falhava, Darcy inclinou a cabeça para o lado, com um sorriso provocante. — Ainda não me decidi a teu respeito. Uma mulher precisa de ter cuidado quando lida com homens que não conhece... e que são bonitos.

— Minha querida, uma mulher com o teu arsenal usa os homens para praticar tiro ao alvo.

Irritada, Darcy soltou a mão.

— Só quando eles pedem isso. Ter um rosto atraente não me torna impiedosa.

— Não, não torna. Mas ter um rosto atraente e uma mente afiada é uma combinação poderosa. Seria um desperdício se não soubesses usar ambas as coisas.

Darcy pensou em afastar-se bruscamente, mas aquele homem intrigava-a.

— Esta é a conversa mais estranha que já tive. Não sei se gosto ou não de ti, mas talvez me sinta suficientemente interessada para dedicar algum tempo à tentativa de descobrir. Agora, porém, tenho de voltar ao trabalho. Não seria correcto eu chegar atrasada, depois do sermão que dei à Sinead.

— Ela subestima-te.

— Como?

— Ela subestima-te — repetiu Trevor, enquanto atravessavam a praia. — Vê a superfície... uma mulher bonita, com uma noção de elegância, preocupada com a moda, que passa o tempo a trabalhar no *pub* da família. Dirigida pelos seus irmãos. Uma mulher que, na opinião da Sinead, ocupa o degrau mais baixo na escada, limitando-se a receber ordens.

Os olhos de Darcy contraíram-se, mas não contra o sol.

— É assim que tu pensas?

— Não. Mas é assim que a Sinead considera a situação. Ela é jovem, inexperiente. Não percebe que tens tanto a ver com a administração do Gallagher's como os teus irmãos. A tua aparência não prejudica nem um pouco os negócios. Até serve para criar determinado ambiente. Mas eu observei-te hoje. — Trevor virou o rosto para a fitar. — Não deste um único passo em falso. Mesmo quando sentias uma irritação evidente, não perdeste o ritmo.

— Se estás a tentar conquistar-me com elogios... não vai resultar. Mas devo dizer que não me lembro de ter ouvido esses comentários de qualquer outro homem.

— Eu sei. Todos dizem que és a mulher mais bonita que já viram. É um desperdício de tempo enunciar o óbvio, e deve ser uma chatice para ti.

Darcy parou quando chegaram à rua. Fitou-o por um momento, depois soltou uma gargalhada.

— Tu és mesmo diferente, Trev de Nova Iorque. Acho que gosto de ti e não me importaria de passar algum tempo na tua companhia, de vez em quando. Se fosses rico, casaria contigo sem hesitar, para que pudesses distrair-me e manter-me no luxo pelo resto da vida.

— É isso o que procuras, Darcy? Uma vida de luxo e riqueza?

— Porque não? Tenho gostos dispendiosos, que quero satisfazer. Até conhecer um homem que esteja disposto e seja capaz de encher o meu prato, continuarei a cuidar de mim sozinha. — Ela estendeu a mão para tocar no rosto de Trevor. — O que não significa que não possa jantar com outro, enquanto espero.

— Uma mulher sincera.

— Quando me convém. E como tenho a impressão de que tu perceberias num instante até mesmo uma mentira elaborada, para quê desperdiçar o esforço?

— Outra vez.

Darcy lançou-lhe um olhar surpreso, ao atravessarem a rua.

— Outra vez o quê?

— Eficiência. Acho isso muito excitante numa mulher.

— Juro que és o homem mais esquisito que já conheci. Como acho divertido excitar-te com tanta facilidade, aceito aquele convite para o pequeno-almoço.

— Amanhã?

Ela fez tinir as chaves no bolso, questionando-se por que razão parecia a perspectiva tão tentadora.

— Às oito horas. Eu encontro-me contigo no restaurante do hotel.

— Não estou no hotel.

— Se estás na pensão, podemos...

— Então é aqui que estás, Darcy. — Aidan aproximou-se por trás, com as chaves já na mão. — A Jude pensou que a ias visitar.

— Eu distraí-me.

— Quer então dizer que já conhece a minha irmã — acrescentou Aidan para Trevor. — Porque não entra para tomar uma cerveja, por conta da casa?

— Tenho trabalho a fazer. Também me distraí. — Trevor lançou um olhar a Darcy. — Mas aceitarei a oferta mais tarde.

— Será sempre bem-vindo. Os seus homens mantêm-nos sempre com o maior dos movimentos. E agora que a Darcy voltou, aposto que passarão ainda mais tempo no *pub*. — Aidan piscou-lhe o olho, enquanto enfiava a chave na fechadura. — Esta noite devemos ter um *seinsiun*. Apareça, se tiver a oportunidade. Terá uma pequena ideia do que podemos oferecer aos que vierem ao seu teatro.

— Aguardarei ansioso.

— Darcy, tiveste a tal conversa com a Sinead?

Ela continuou a olhar para Trevor.

— O assunto está resolvido. Conto-te tudo daqui a pouco.

— Está bem. Boa tarde, Trevor.

— Até depois.

— Os teus homens... — murmurou Darcy, depois de a porta ser fechada. — O teu teatro.

— Isso mesmo.

— O que significa que és o Magee. — Ela respirou fun-

do, com todo o cuidado, sabendo que só conseguiria manter a calma por um curto prazo. — Porque não me contaste?

— Tu não perguntaste. E que diferença faz isso?

— Acho que faz diferença na forma como te apresentaste a mim. Não gosto de ser enganada.

Trevor segurou na porta antes que ela pudesse abri-la.

— Apenas tivemos algumas conversas — comentou ele, calmamente. — E não houve nada de enganador nelas.

— Então temos padrões diferentes de julgamento.

— Talvez estejas irritada apenas porque, afinal, sou rico, e agora terás de casar comigo.

Ele exibiu um sorriso projectado para encantar. Recebeu em troca um olhar frio e desdenhoso.

— Não acho que o teu humor seja apropriado. Agora, sai da minha frente. Ainda não abrimos ao público.

— É a nossa primeira discussão?

— Não. — Ela conseguiu abrir a porta, com um gesto brusco, quase acertando no rosto de Trevor. — É a última.

Darcy não bateu com a porta depois de entrar, mas ele ouviu com nitidez o estalido da fechadura, através da madeira grossa.

— Não creio. — Trevor sentia-se mais exultante do que se sentiria outro homem em circunstâncias idênticas. — Seria capaz até de apostar.

Ele dirigiu-se ao carro, pensando que seria uma boa oportunidade para ir até aos penhascos e conhecer as ruínas de que todos falavam.

Aquela era a Irlanda que ele quisera conhecer. O antigo e o sagrado, o selvagem e o místico. Ficou surpreso ao constatar que estava sozinho. Afinal, qualquer pessoa atraída para aquela

região deveria sentir-se compelida a subir os penhascos para conhecer aquelas ruínas.

Ele contornou o frontão de pedra do oratório, construído em nome do santo. Ficava num terreno irregular e devia ser guardado pelas almas dos que ali repousavam. Três cruzeiros de pedra também montavam guarda, com uma fonte por baixo.

Haviam-no informado de que a caminhada em torno do promontório era maravilhosa, mas ele dava por si mais propenso a permanecer ali mesmo.

A Darcy tinha razão, reflectiu. A estrutura podia ter-se desmoronado, mas o coração continuava vivo.

Ele recuou, bastante respeitoso ou supersticioso, para não pisar as sepulturas. Presumia que os espaços delimitados por pedras fossem sepulturas.

Ao baixar os olhos, viu a lápide de Maude Fitzgerald.

Wise Woman

Sabia o que isso significava. A mulher sábia, nas antigas aldeias irlandesas.

— Aqui estás tu — murmurou Trevor. — Há uma foto tua com o meu tio-avô, num dos velhos álbuns que a minha mãe guardou, quando o meu avô morreu. Ele não tinha muitas fotos da Irlanda. Não é estranho que ele guardasse uma tua?

Trevor agachou-se, comovido, um pouco divertido, ao contemplar as flores, que formavam um tapete colorido sobre a sepultura.

— Devias gostar muito de flores. O jardim no chalé é belíssimo.

— A Maude teve sempre um dom especial para as flores.

Ao ouvir o comentário, Trevor olhou para trás, na direcção da fonte. Levantou-se. O homem que fizera o comentário vestia-se de uma maneira estranha, com um traje prateado, que faiscava ao sol. Um disfarce, presumiu Trevor, para algum evento no hotel. Um homem de teatro, com os seus cabelos pretos compridos, um sorriso insinuante, olhos azuis brilhantes.

— Não te assustas com facilidade, não é assim? Um ponto a teu favor.

— Um homem que se sobressalte facilmente não deve visitar este lugar. É fantástico.

Enquanto falava, Trevor voltou a olhar em redor.

— Concordo. Deves ser o Magee que veio da América para construir sonhos e encontrar respostas.

— Mais ou menos. E quem és tu?

— Carrick, príncipe das fadas. Prazer em conhecer-te.

— Ah...

O tom divertido de Trevor fez com que Carrick franzisse as sobrancelhas.

— Já deves ter ouvido falar de mim, mesmo na América.

— Claro que sim. — Ou o homem era um lunático, ou não estava disposto a separar-se do personagem. Provavelmente ambas as coisas, concluiu Trevor. — Até porque estou hospedado no chalé na colina.

— Eu sei onde tu estás e não gosto do teu tom indulgente. Eu não te trouxe até aqui para te divertires à minha custa.

— *Tu* trouxeste-me até aqui?

— Ah, os mortais... Gostam de pensar que tudo acontece pela sua própria iniciativa. O teu destino está aqui, ligado

ao meu. Se plantei algumas sementes para te fazer entrar em acção, quem teria mais direito do que eu?

— Se gostas de beber assim tão cedo, companheiro, é melhor saíres do sol. Não queres que eu te dê boleia de volta ao hotel?

— Achas que eu estive a beber? Que estou grogue?
— Carrick inclinou a cabeça para trás e desfez-se em gargalhadas. — Nunca vi tanta burrice. Vou mostrar-te quem está grogue. Só quero que me dês um momento, enquanto me recomponho.

Depois de respirar fundo, várias vezes, Carrick acrescentou:

— Precisamos de algo que não seja muito subtil. Tenho de pensar bem, já que tu és do tipo céptico. Ah, já sei!

Os seus olhos ficaram escuros como cobalto. Trevor seria capaz de jurar que as pontas dos dedos do homem se tinham tornado douradas, brilhando, enquanto nas suas mãos surgia uma esfera, transparente como água. Viu ali a sua imagem e a de Darcy, juntos, na praia, com o Mar Céltico a desmanchar-se na areia.

— Dá uma olhadela ao teu destino. Ela é bela no rosto, forte na vontade e faminta no coração. E tu? Serás suficientemente inteligente para conquistar o que o destino te oferece?

Carrick fez um movimento com os pulsos. A esfera saiu a voar na direcção de Trevor. Numa reacção instintiva, ele levantou a mão para pegar nela. Sentiu os dedos passarem por alguma coisa fria e macia. No instante seguinte, a esfera dissolveu-se, como se fosse uma bola de sabão.

— Um truque e tanto — comentou Trevor. Mas, quando

voltou a baixar os olhos, Trevor descobriu que se encontrava sozinho de novo, enquanto a brisa fazia a relva ondular. — Um truque e tanto — repetiu.

E, mais abalado do que se sentia disposto a admitir, baixou os olhos para as mãos vazias.

CAPÍTULO QUATRO

Os sonhos assediaram-no durante a noite. Sempre sonhara com imagens amplas, de grande intensidade. No entanto, desde que chegara ao Faerie Hill Cottage, os sonhos haviam adquirido uma qualidade finita, quase cristalina. Como se alguém focasse a lente de uma máquina fotográfica.

O estranho homem do cemitério montava um cavalo branco, alado, sobrevoando um vasto mar azul. E Trevor podia aperceber-se dos músculos firmes do garanhão mítico sob o cavaleiro. À distância, o céu e a água estavam separados com absoluta nitidez, como se tivesse sido traçada uma linha, com um lápis de ponta fina, usando-se uma régua.

A água era da cor de safira, o céu cinzento, como fumo.

O cavalo desceu. As poderosas patas dianteiras cortaram a superfície, espalhando água por todos os lados. Trevor podia ver tudo. Podia até *sentir* cada uma das gotas. E o sabor do sal nos lábios.

E, no momento seguinte, estavam no mundo submarino, turbilhante. Havia lampejos de luz iridescente, como asas de fadas a bater. A música que soava através da vibração do mar era de flautas.

Continuaram a mergulhar, cada vez mais fundo, como se estivessem no seu elemento, com a mesma facilidade com que voavam pelo céu. E Trevor podia sentir que uma intensa emoção o envolvia.

Lá em baixo, no fundo do mar, havia uma elevação mais escura, de um azul mais forte, que pulsava. Como um coração. O homem que dissera ser um príncipe enfiou o braço ali, até ao ombro. E Trevor sentiu a textura oleosa daquela massa na sua própria carne, a vibração a estender-se pelo seu próprio braço. Flectiu a mão, fechou-a, torceu-a e depois libertou o coração do mar.

Para ela, pensou Trevor, apertando com força. É a minha constância. Apenas para ela.

Quando acordou, Trevor ainda tinha a mão cerrada, mas o único coração que pulsava era o seu.

Aturdido e abalado, ele abriu a mão. Estava vazia, claro que estava vazia, mas deu para sentir a carga de força a desvanecer-se da palma.

O coração do mar.

Era ridículo. Não precisava de ser um biólogo marinho para saber que não havia nenhuma massa azul tremeluzente lá no fundo, nenhuma vida orgânica a pulsar daquela forma no leito do Mar Céltico. Não era mais do que uma cena interessante, criada pelo subconsciente. A transbordar de simbolismo, sem dúvida, o qual ele poderia analisar profundamente, se estivesse disposto.

O que não era o caso.

Levantou-se e seguiu para a casa de banho. Distraído, passou a mão pelos cabelos. E descobriu que estavam húmidos.

Parou no mesmo instante. Baixou a mão, devagar, contemplando-a. Cauteloso, ergueu a mão para o rosto, cheirando-a. Água do mar?

Nu, Trevor voltou a sentar-se na beira da cama. Nunca se considerara um homem propenso a fantasias. Na verdade, gostava de pensar que tinha os pés mais assentes na realidade do que a maioria das pessoas. Mas não tinha como negar que sonhara que mergulhava no mar, num cavalo alado, e que acordara com os cabelos húmidos da água do mar.

Como poderia um homem racional explicar isso?

As explicações exigiam informações. Era tempo de começar a procurá-las.

Ainda era muito cedo para telefonar para Nova Iorque, mas não para enviar um fax. Depois de se vestir, Trevor foi sentar-se no pequeno escritório, em frente do quarto, e escreveu a primeira mensagem para os pais.

Mãe e Pai,

Espero que estejam bem. O projecto continua dentro do prazo e do orçamento. Já cheguei à conclusão, após dois dias de observações, de que os O'Toole podem tratar de tudo sem a minha presença. Mas decidi permanecer aqui, pelo menos por mais algum tempo, apenas para supervisionar. Há também a questão das boas relações com a comunidade. A maior parte dos moradores da aldeia e da comunidade em redor parece estar a favor do teatro. Mas a construção perturba a tranquilidade em

geral. Acho que é sensato da minha parte permanecer visível e envolvido.

Também tenciono continuar a trabalhar na publicidade preliminar aqui.

Enquanto isso, aproveito para conhecer a região. É mesmo linda, pai, como me tinhas dito. E as pessoas recordam-se de ti com carinho. Acho que vocês os dois deveriam tentar arranjar tempo para uma temporada em Ardmore.

O Gallagher's é, como tu te lembravas e o Finkle informou, um pub acolhedor, bem dirigido, bastante popular. Ligá-lo ao teatro foi uma ideia brilhante, pai. Vou passar mais tempo lá, a fim de ter uma melhor noção da operação, do que pode ser mudado, de que melhorias podemos querer, em benefício do teatro.

Mãe, tenho a certeza de que irias adorar o chalé onde estou hospedado. É uma imagem de postal... e, melhor ainda, tem a reputação de contar com um fantasma exclusivo. Tu e a tia Maggie ficariam encantadas. Ainda não recebi nenhuma visita do outro mundo, lamento informar. Mas, como ainda estou a tentar absorver o ambiente local, gostaria de saber se vocês me podem mandar mais informações sobre as lendas daqui. Pelo que pude descobrir, é uma história de amor frustrado. Entre uma donzela e um príncipe das fadas.

*Telefonarei assim que tenha oportunidade.
Com todo o amor, Trev.*

Ele releu, para ter a certeza de que formulara o pedido num tom casual, depois enviou a mensagem pela linha particular dos pais.

O fax seguinte foi para a sua assistente, muito mais objectivo:

Angela,

Preciso que pesquise e me transmita toda e qualquer informação disponível sobre uma lenda de Ardmore. Referências: Carrick, príncipe das fadas, Gwen Fitzgerald, Faerie Hill Cottage, Old Parish, Waterford. Século XVI.

Trevor Magee.

Depois de despachar o segundo fax, ele olhou para o relógio. Embora passasse um pouco das oito horas, ainda era cedo demais para consultar a sua outra fonte. Esperaria mais uma hora antes de visitar Jude Gallagher.

Após ter tudo feito, ele sentiu uma necessidade súbita e desesperada de tomar um café. Isso seria bastante forte para o fazer esquecer tudo o resto. A única coisa de que sentia falta ali era da sua cafeteira automática, com o marcador de tempo. Tencionava comprar outra assim que tivesse oportunidade.

Na opinião de Trevor, havia pouca coisa mais civilizada neste mundo do que acordar com o cheiro de café fresco.

Quando chegou ao fundo das escadas, ouviu uma batida na porta. Com a mente já concentrada na cozinha, o organismo já preparado para o primeiro gole de café, foi abrir.

E concluiu que talvez houvesse uma coisa mais civilizada do que acordar com o cheiro de café. E estava ali parada, no alpendre.

Um homem esperto, um homem sensato, renunciaria a uma vida inteira de café por uma linda mulher de olhos azuis,

usando uma blusa decotada e com um sorriso de anda-cá-bus-car-me. E ele era um homem muito esperto.

— Bom dia. Tu acordas sempre com essa aparência?

— Terás de fazer muito mais do que oferecer-me um pequeno-almoço antes de teres a oportunidade de descobrir.

— Pequeno-almoço?

— Creio que foi essa a natureza do convite.

— Tens razão. — A mente de Trevor não estava a funcionar com rapidez suficiente sem a dose de cafeína com que iniciava o dia. — Tu surpreendes-me, Darcy.

Era a intenção dela.

— Vais dar-me de comer ou não?

— Entra. — Ele abriu a porta. — Veremos o que se pode fazer.

Darcy entrou, roçando de leve nele. Cheirava como o pecado com uma cobertura de chocolate.

Ela foi dar uma olhadela à sala da frente. Continuava como Maude a deixara, com as suas lindas estatuetas aqui e ali, a estante com os livros, a manta velha e macia estendida por cima do estofado desbotado do sofá.

— És um homem arrumado e metódico, não és? — Darcy virou-se para o fitar. — Gosto de um homem arrumado. Ou talvez consideres que é uma questão de eficiência.

— A eficiência é arrumada... e a minha vida é assim. — Com os olhos a encontrarem-se, Trevor estendeu a mão para tocar no ombro de Darcy. Ficou satisfeito quando ela se limitou a fitá-lo, com uma expressão um pouco divertida.

— Eu só gostava de saber porque não está frio.

— Ombros frios indicam uma reacção previsível, e a previsibilidade é um tédio.

— Aposto que tu nunca sentes tédio.

— Talvez em raras ocasiões. Fiquei chateada contigo, mas ainda quero o meu pequeno-almoço. — Darcy contornou-o, deu dois ou três passos, e olhou para trás. — Vais preparar tudo ou preferes comer fora?

— Farei tudo aqui.

— Confesso que estou surpreendida. E intrigada. Um homem na tua posição que sabe o que fazer numa cozinha.

— Faço uma omeleta de *cheddar* e *champignon* que é famosa no mundo inteiro.

— Eu vou julgar... e ficas desde já a saber que sou muito exigente com os meus gostos.

Ela seguiu para a cozinha, enquanto Trevor soltava um longo suspiro de apreciação.

Darcy sentou-se à pequena mesa no centro da cozinha. Estendeu o braço sobre o encosto da cadeira, dando a impressão de uma mulher acostumada a ser servida. Embora o seu organismo já não precisasse do fluxo de cafeína para funcionar a pleno vapor, Trevor fez o café primeiro.

— Enquanto fico sentada aqui, a observar-te a cuidar de tarefas domésticas, porque não me contas o motivo pelo qual me deixaste tagarelar ontem, parecendo muito interessado em informações que já devias saber de cor e salteado?

— Acontece que eu não sabia.

Fora o que Darcy desconfiara, depois de se ter acalmado. Ele não parecia ser o tipo de homem que perdesse tempo a fazer perguntas cujas respostas já conhecesse.

— E porque não sabias, se não te importas que eu pergunte?

Trevor importar-se-ia, noutras circunstâncias. Mas achava que devia uma explicação.

— O meu avô pouco falava sobre a sua família aqui. Ou sobre Ardmore. Nem mesmo sobre a Irlanda, diga-se de passagem.

Enquanto esperava que o café ficasse pronto — o que não ia demorar, graças a Deus — Trevor pegou no que precisava para a omeleta.

— O meu avô era um homem muito difícil. Tenho a impressão de que se sentia amargurado com o motivo que o levou a sair daqui, qualquer que fosse. Por isso, não falava a respeito disso.

— Entendo. — Isto é, não entendia muito bem, reflectiu Darcy, já que era difícil compreender uma família que não falasse de tudo. Até aos berros, como ocorria na sua própria família, com frequência. — A tua avó também era de Ardmore.

— É verdade. E ela respeitava os desejos do marido. — Ele olhou para Darcy, os olhos remotos e frios. — Em tudo.

— Imagino que fosse um homem poderoso, e os homens poderosos são muitas vezes difíceis e intimidativos.

— O meu pai poderia ser considerado um homem poderoso. Mas não o considero difícil e intimidativo.

— Portanto, voltaste em parte para ver pessoalmente onde as sementes dos Magee foram semeadas primeiro?

— Em parte.

Darcy não pôde deixar de se aperceber do tom de quem queria encerrar o assunto. Um ponto sensível, concluiu ela. Teria adorado bisbilhotar um pouco, mas achou melhor não insistir. Pelo menos por enquanto.

— Já que estamos aqui, porque não me dizes o que achas do chalé?

A tensão, que tanto o irritava, diminuiu um pouco. Serviu-se da sua primeira chávena de café, enquanto partia os ovos.

— Acabei de mandar um fax para a minha mãe a dizer que é como uma imagem de um postal.

— Um fax? É assim que mãe e filho comunicam?

— Mãe e filho usam a tecnologia, sempre que é útil. — Trevor lembrou-se das boas maneiras. Serviu café numa outra chávena e levou-a para a mesa. — O melhor de todos os mundos, não é assim? Um chalé de telhado de colmo numa colina irlandesa e as conveniências dos tempos modernos.

— Deixaste o teu fantasma de fora.

Ele manteve a mão firme, mas quase virou a frigideira.

— Eu não diria que ela me pertence.

— Claro que é tua, enquanto estiveres a morar aqui.

Lady Gwen é uma figura trágica. Embora sinta compaixão e aprecie o romance, acho difícil compreender como pode alguém deixar-se consumir pelo amor, ao longo dos séculos, além da morte. Afinal, a vida é que faz sentido, e devemos tirar o máximo de proveito possível.

— Sabes muita coisa sobre ela?

— Tanto quanto qualquer outra pessoa por aqui, imagino eu. — Ela gostava de observar os dedos compridos e as mãos competentes de Trevor em acção. — Embora a Jude tenha feito um estudo mais aprofundado para o seu livro. E conheço várias pessoas que já a viram.

Ele fitou-a. Não havia surpresa nos seus olhos, mas cautela.

— Tu também?

— Acho que não sou o tipo de companhia que um fantasma aprecie. Talvez tu a vejas, já que moras aqui.

— Tu és visão suficiente para mim. O que me dizes da outra parte da lenda, o tal Carrick?

— Dizem que é muito inteligente... e astuto ainda por cima. O orgulho obstinado e um temperamento sensível deixaram-no na situação em que se encontra. Não hesita em usar toda a sua astúcia para reparar o problema, agora que chegou o momento. Tu podes não ter reparado, mas a Brenna usa o anel de noivado e a aliança de casamento numa corrente pendurada no pescoço, quando está a trabalhar.

— Vi um homem quase perder um dedo quando a sua aliança ficou presa numa serra. Ela é previdente ao evitar essa possibilidade. — Trevor pegou nos pratos. Dividiu a omeleta com uma eficiência que Darcy não pôde deixar de apreciar. — Mas o que têm o anel e a aliança da Brenna a ver com a lenda?

— O anel de noivado é de pérola, a segunda das pedras preciosas que Carrick ofereceu a Gwen. As lágrimas da lua que ele guardou no seu saco mágico. Ele deu uma pérola ao Shawn.

Trevor franziu as sobrancelhas, mas virou-se para pegar nos talheres.

— Um tipo generoso.

— Quanto a isso não sei, mas o Shawn recebeu a pérola do próprio Carrick, junto da sepultura da velha Maude. Agora é da Brenna. O primeiro presente que ele ofereceu a Gwen era composto por diamantes do sol. Fala com a Jude, se estiveres interessado. O terceiro e último presente foram safiras. Do coração do mar.

— O coração do mar...

O sonho voltou tão depressa e com tanta intensidade, que Trevor tornou a baixar os olhos para a própria mão.

— Uma linda história, é o que deves estar a pensar. Eu

também pensaria a mesma coisa se pessoas que conheço não se tivessem tornado parte dela. Há mais um passo que precisa de ser dado, mais dois corações que precisam de se encontrar e prometer um ao outro. — Darcy tomou um gole do café, observando-o por cima da borda. — As outras pessoas que viveram neste chalé desde a morte da velha Maude foram os passos um e dois.

Trevor não disse nada por um momento. Apenas pegou na torrada que acabara de saltar.

— Estás a avisar-me de que fui escolhido para ser o passo três?

— É a conclusão inevitável, não achas? Por mais que sejas um homem de mentalidade prática, Magee, tens sangue irlandês nas veias e partilhas esse sangue com um homem que outrora amou a mulher que vivia aqui. Em matéria de candidatos a quebrar um encantamento, tu serias o meu escolhido.

Ele pegou na manteiga e na geleia, pensando a respeito disso.

— E uma mulher de mentalidade prática como tu acredita em encantamentos.

— Se acredito? — Darcy inclinou-se na sua direcção, enquanto ele se sentava. — Meu querido, eu lanço-os.

Pela aparência de Darcy naquele momento, os olhos intensos e brilhantes, o sorriso insinuante, ele seria capaz de acreditar que se tratava de uma bruxa, sem a menor hesitação.

— Pondo de lado os teus consideráveis poderes, vais-me dizer que acreditas nessa história, em todas as suas partes, como uma realidade?

— Claro que acredito. — Darcy pegou no garfo. — E se eu estivesse no teu lugar, a morar aqui, teria o maior cuidado

com o meu coração. — Ela ergueu o garfo com um pedaço da omeleta de queijo, bem cremosa, e levou-o à boca. — Há também os que acreditam que, se uma pessoa perde o coração aqui, ficará comprometida para sempre.

— Como aconteceu com a Maude. — A perspectiva preocupava-o mais do que queria admitir. — Porque me estás a contar tudo isso?

— Não sabia se perguntarias. És um homem atraente, e gosto da tua aparência. Acrescente-se a isso... e não tenho a menor vergonha de reconhecer que essa parte é muito importante para mim... o facto de seres um homem rico. Creio que há uma grande possibilidade de que eu possa também desfrutar da tua companhia.

— Estás a pedir-me em casamento?

Darcy ofereceu-lhe um sorriso largo e deslumbrante.

— Ainda não. Conte-te tudo porque tenho a impressão de que és um homem que percebe, por meio da simulação, com a mesma facilidade com que uma faca passa pela manteiga.

Ela pegou na faca e fez uma demonstração na manteiga que Trevor tirara do frigorífico.

— Não sou mulher de me apaixonar. Bem que já tentei. — Por um momento, o brilho nos olhos de Darcy desanuviou-se. Depois, ela encolheu os ombros e barrou a manteiga na torrada. — Não está em mim. É possível que não sejamos o que o destino reservou um para o outro. Mas, se formos, acho que podemos chegar a um acordo que agrade a ambos.

Nas circunstâncias, ele decidiu que outro café não poderia fazer mal. Levantou-se para encher as chávenas de novo.

— Já conheci muitas pessoas nos meus negócios e tive experiências com as culturas mais diferentes. Mas devo dizer

que esta é a conversa mais estranha que já tive durante o pequeno-almoço.

— Acredito no destino, Trevor, no encontro de mentes, no conforto e honestidade, quando servem um propósito. — Darcy comeu mais da omeleta. — E tu?

— Acredito em mentes similares, no conforto e honestidade, quando servem um propósito. Em relação ao destino, não penso da mesma maneira.

— Há muito sangue irlandês em ti para que não sejas um fatalista.

— É essa a natureza da besta?

— Claro. Ao mesmo tempo, conseguimos manter um optimismo sentimental, com muita superstição, profunda e emocionante. Quanto à honestidade... — Os olhos de Darcy faiscaram. — É uma questão de graus e pontos de vista. Afinal, o que pode ser melhor do que uma história bem contada, toda elaborada, com alguns exageros pitorescos? Mas, como a honestidade parece ser uma coisa que aprecias, o que há de errado em informar-te de que, provavelmente, se te apaixonares por mim, to deixarei fazer?

Trevor apreciou o resto do café. E Darcy.

— Tentei apaixonar-me. Também não deu certo para mim.

Pela primeira vez, a simpatia estampou-se no rosto dela, que estendeu a mão para pegar na de Trevor.

— Acho que não se ser capaz de tropeçar é tão doloroso quanto seria a queda.

Ele baixou os olhos para as mãos unidas.

— Formamos uma triste dupla, Darcy.

— Mas não achas que é melhor conheceres-te a ti mes-

mo, teres noção das tuas limitações? É bem possível que alguma mulher bonita ainda atraia os teus olhos, te faça o coração sair pela boca e cair aos pés dela. — Darcy encolheu os ombros. — Mas até que isso aconteça, eu não me importaria se quisesses uma parte do teu tempo na minha companhia... e gastar comigo uma parte dos teus consideráveis recursos.

— Mercenária, hein?

— Sou, sim. — Ela bateu levemente na mão de Trevor, para depois voltar a comer. — Tu nunca tiveste de contar moedas, pois não?

— É verdade.

— Mas, se algum dia precisares de ganhar dinheiro extra, podes aproveitar a tua deliciosa omeleta. — Darcy levantou-se, e levou os dois pratos para a pia. — Aprecio um bom cozinheiro, já que é uma habilidade que não tenho, nem estou interessada em desenvolver.

Trevor também se levantou, aproximou-se por trás, passou as mãos pelos ombros de Darcy, desceu pelos braços, tornou a subir num único movimento, lento e firme.

— Vais lavar a loiça?

— Não. — Ela queria esticar-se, como uma gata satisfeita, mas achou que era mais sensato não o fazer. — Mas posso ser persuadida a enxugar.

Darcy deixou que ele a virasse. Fitou-o nos olhos, enquanto ele baixava a cabeça. Depois, com algum pesar, pôs os dedos nos lábios de Trevor, antes que se encontrassem com os seus.

— Direi o que penso. Qualquer um dos dois pode seduzir o outro, com uma classe considerável, embora sem muito esforço.

— Concordo. Deixa-me tentar primeiro.

O riso de Darcy saiu baixo e suave.

— E por mais satisfeitos que nos possamos sentir depois, ainda é cedo. Vamos manter a aventura por mais algum tempo.

Ele chegou um pouco mais perto.

— Porquê esperar? Tu és a fatalista.

— Muito esperto. Mas esperaremos porque tomei essa decisão. E sou muito firme nas minhas decisões.

Darcy bateu nos lábios dele com um dedo, uma só vez, depois baixou a mão.

— Também sou assim.

Num gesto deliberado, ele tornou a erguer a mão para os seus lábios, roçando-os sobre a palma, depois sobre as articulações.

— Gosto disso. Talvez volte à procura de mais, numa outra ocasião. E nas actuais circunstâncias, acho melhor deixar toda a loiça ao teu cuidado. Vais acompanhar-me até à porta, como um cavalheiro?

Enquanto deixavam a cozinha, Trevor perguntou:

— Quantos homens já dominaste até hoje dessa maneira?

— Perdi a conta. Mas nenhum deles pareceu importar-se. — Darcy olhou para trás, quando o telefone começou a tocar. — Não vais atender?

— O atendedor encarrega-se disso.

— Atendedor de chamadas e fax. Pergunto-me sobre o que a velha Maude pensaria. — Darcy saiu para o alpendre. As flores dançavam à brisa. — Tu parecees combinar com o chalé — comentou ela, depois de o estudar por um momento. — E imagino que deves combinar também com as salas de reunião no topo dos edifícios de Nova Iorque.

Trevor baixou-se para pegar num ramo de verbenas. Estendeu-o para ela.

— Quero que voltes.

— Não te preocupes, acho que voltarei a cruzar o teu caminho.

Enquanto se encaminhava para o portão do jardim, ela colocou as flores nos cabelos.

Trevor compreendeu porque não ouvira o barulho do carro. Ela viera de bicicleta.

— Se esperares um minuto, Darcy, eu levo-te de carro.

— Não precisas de te incomodar. Bom dia, Trevor Magee.

Ela montou a bicicleta. Desceu pelo caminho estreito até aos buracos e valas a que os moradores locais chamavam estrada. E conseguia, mesmo naquela situação, exibir uma sensualidade clamorosa.

Como fora até ao local das obras depois de chegar à aldeia, já passava do meio-dia quando Trevor foi a casa dos Gallagher. A batida na porta foi respondida pelos latidos de um cão, um som gutural, excitado, que o fez dar um passo cauteloso para trás. Era um cidadão e sentia um saudável respeito por qualquer coisa capaz de fazer aquele tipo de barulho.

Os latidos cessaram um instante antes de a porta ser aberta. Mas o cão sentou-se ao lado de Jude, batendo com o rabo no chão, em movimentos frenéticos. Trevor já o vira uma ou duas vezes, mas à distância. Não se dera conta de que o bicho era tão grande.

— Olá, Trevor. É um prazer enorme. Entre.

— Ahm...

Ele lançou um olhar sugestivo para o cão. Jude riu-se.

— O Finn é inofensivo. Juro. Ele apenas gosta de fazer barulho para eu pensar que me está a proteger. Diz bom dia ao Sr. Magee, Finn.

Obediente, o cachorro levantou a enorme pata.

— Eu gostaria de ser sempre aliado do Finn.

Trevor estendeu a mão para apertar a pata estendida, torcendo para que o cão o deixasse manter todos os dedos.

— Posso fazê-lo deitar-se de costas, se estiver muito preocupado.

— Não vai acontecer nada. — Era o que Trevor esperava. — Lamento interromper o seu dia, mas queria saber se tem um minuto para mim.

— Tenho vários minutos. Vamos entrar e sentar-nos. Quer um chá? Já almoçou? O Shawn mandou uma *casserole* deliciosa.

— Não quero nada, obrigado. Não vim aqui para lhe dar trabalho.

— Não será trabalho nenhum.

Mas Jude estendeu uma das mãos para a parte inferior das costas, a outra para a barriga, enquanto recuava.

— Você é que deve sentar-se. — Trevor segurou-a pelo braço e conduziu-a para a sala de estar. — Confesso que cães enormes e mulheres grávidas me deixam nervoso.

Não era verdade. Cães podiam deixá-lo nervoso, mas as mulheres grávidas enterneciam-no. A declaração, porém, fez com que ela se instalasse numa poltrona.

— Prometo que nenhum dos dois o vai morder. — Jude sentia-se agradecida pela oportunidade de se sentar logo. — Jurei que permaneceria calma e graciosa durante toda a experi-

ência. Ainda mantenho a calma, mas despedi-me por completo da graciosidade depois do sexto mês.

— Parece que está a sair-se muito bem. Já sabe se vai ser menino ou menina?

— Não. Queremos a surpresa. — Jude pôs a mão na cabeça de Finn, quando o cão veio sentar-se ao lado da poltrona. Trevor notou que ela quase não precisou de estender o braço. — Dei uma volta ontem à noite e passei pela obra. Está bem adiantada.

— Também acho. Daqui a um ano já teremos espectáculos no teatro.

— Aguardarei com grande ansiedade. Deve ser maravilhoso transformar as suas visões em realidade.

— Não é isso o que a Jude está a fazer, com os seus livros e com a criança?

— Gosto de si. Já se sente bastante seguro para me dizer o que está a pensar?

Trevor deixou passar um instante.

— Esqueci-me que é psicóloga.

— Era *professora* de psicologia. — Num gesto de desculpa, Jude ergueu as mãos, para logo tornar a baixá-las. — Há cerca de um ano, curei-me da timidez que me impedia de dizer o que pensava. O resultado tem prós e contras. Mas não tenho a menor intenção de ser agressiva.

— Vim aqui para lhe perguntar uma coisa... conversar sobre ela. E você percebeu isso. Não é uma demonstração de agressividade, mas... de eficiência. Uma das minhas palavras preferidas ultimamente. Carrick e Gwen.

Jude cruzou as mãos, parecendo serena e despreocupada.

— O que há com eles?

— Acredita que existe... que existiram?

— Sei que existem. — Ela percebeu a dúvida nos olhos de Trevor. Esperou um momento, para ordenar os seus pensamentos. — Somos de um lugar diferente, você e eu. Nova Iorque, Chicago. Citadinos, sofisticados, com a vida apoiada em factos, nas experiências concretas do dia-a-dia.

Ele compreendeu aonde Jude queria chegar. Balançou a cabeça.

— Já não estamos lá.

— Isso mesmo, já não estamos lá. Este é um lugar que... “borbulha” não é a palavra que eu quero, porque não precisa de borbulhar. É simplesmente diferente. Tornou-se o meu lar agora, o lugar que o atraiu para construir um dos seus sonhos. Não está separado do lugar de onde viemos apenas pela história e geografia. Aqui compreendemos coisas que esquecemos.

— A realidade é a realidade, qualquer que seja a parte do mundo em que se esteja.

— Era assim que eu pensava antes. Se ainda pensa desse modo, porque o preocupam o Carrick e a Gwen?

— Interessam-me.

— Já a viu?

— Não.

— Então viu o Carrick.

Trevor hesitou, lembrando-se do homem que o abordara perto da Fonte de São Declan.

— Não acredito num mundo das fadas.

— Mas imagino que o Carrick acredita em si — murmurou Jude. — Quero mostrar-lhe uma coisa. — Ela começou a levantar-se. Praguejou baixinho. Ergueu a mão e acenou, obstinada, quando Trevor fez menção de se adiantar. — Não se preocupe. Não quero ser ajudada a levantar-me de cada vez que

me sento. É só esperar um instante. — Jude mudou de posição. Projectou-se para a frente, a barriga primeiro, enquanto as mãos faziam pressão contra os braços da poltrona. — Relaxe. Só vou demorar um minuto. Já não sou tão leve e ágil como antes.

Quando ela deixou a sala, Trevor recostou-se. Ele e Finn fitaram-se com curiosidade e suspeita.

— Não vou roubar a prata. Portanto, podemos permanecer nos nossos respectivos cantos.

Como se fosse um convite, Finn adiantou-se e pôs as patas dianteiras no colo de Trevor.

— Oh, Deus! — Cauteloso, Trevor removeu a pata do cão da sua virilha. — Um alvo perfeito. Agora sei porque o meu pai nunca me deixou ficar com aquele cachorrinho. Sentado!

À ordem, Finn sentou-se no chão. Depois, lambeu a mão de Trevor, afectuoso.

— Pronto, já se tornaram amigos.

Trevor levantou os olhos para Jude. Quase se contorceu, para aliviar a pressão na virilha a latejar.

— Pode apostar que sim.

— Vai-te deitar, Finn.

Jude deu uma palmadinha distraída na cabeça do cachorro, antes de se sentar no banquinho junto à poltrona de Trevor.

— Sabe o que é isto?

Ela estendeu a mão aberta. Tinha na palma uma pedra grande e brilhante.

— À primeira vista, parece um diamante. Pelo tamanho, eu diria um cristal lapidado. É um diamante, da melhor qualidade, entre dezoito e vinte quilates. Tenho um livro, uma lupa, e cheguei a essa conclusão. Não o quis levar a um joalheiro. Pode examinar mais de perto.

Trevor pegou no diamante. Ergueu-o contra a claridade que entrava pela janela da frente.

— Porque não o quis levar a um joalheiro?

— Pareceria má educação, já que foi um presente. Visitei a sepultura da prima Maude no ano passado. Vi quando o Carrick despejou um punhado de diamantes iguais da bolsa de prata que leva sempre consigo, na cintura. Todos se transformaram em flores, menos este.

Trevor virou a pedra na sua palma, pensativo.

— Diamantes do sol.

— A minha vida mudou quando vim para cá. Isto é um símbolo. Quer seja apenas um lindo fragmento de cristal ou um diamante de verdade, não faz diferença. Tudo depende da maneira como se olha para as coisas. Vi magia, o que transformou o meu mundo.

— Gosto do meu mundo.

— A decisão de o mudar, ou não, é sua. Veio para cá, para Ardmore, por um motivo.

— Para construir um teatro.

— Para construir... — murmurou Jude. — Dependerá de si o quê.

CAPÍTULO CINCO

A decisão de Trevor de passar a noite no *pub* era lógica. E profissional. Ele preferia pensar assim, já que era um pouco difícil

para o ego admitir que ali se encontrava, em grande parte, para admirar Darcy. Não era um adolescente cheio de testosterona, mas um empresário objectivo. O Gallagher's fazia agora parte dos seus interesses.

E parecia ser uma parte muito próspera.

Quase todas as mesas estavam ocupadas, com famílias, casais, grupos de turistas, reunidos em torno de canecas e copos, absorvidos em conversas. Um rapaz que não deveria ter mais do que quinze anos estava sentado a um canto, a tocar uma melodia triste numa concertina. Um fogo fora aceso na lareira, pois a noite esfriara, e a humidade era intensa. Junto do fogo tremeluzente sentavam-se três velhos, rostos enrugados, a fumar, com expressões pensativas, batendo os pés ao ritmo da música.

Ali perto, uma criança que ainda não deveria ter comemorado o primeiro aniversário ria-se e balançava no joelho da mãe.

A sua própria mãe, pensou Trevor, teria adorado aquela cena. Carolyn Ryan Magee era irlandesa de quarta geração nos Estados Unidos, nascida de pais que nunca haviam pisado a Irlanda, neta de avós também americanos. E era sentimental, sem o menor constrangimento, pelo que ela considerava serem as suas raízes.

Ela era, compreendeu Trevor, a única razão para que soubesse tanta coisa a respeito da história da família do lado do pai. Quando alguma coisa era importante para a mãe, ela fazia questão de que também fosse para os seus homens. Nenhum dos quais, reflectiu Trevor, era capaz de lhe resistir.

Era ela quem tocava música irlandesa na casa, enquanto o pai revirava os olhos e tolerava. Era ela quem contava ao filho histórias sobre a Boa Gente, os alegres espíritos que povoam os campos e as colinas da Irlanda.

E também fora ela, Trevor sabia, quem contornara e abrandara os ressentimentos e mágoas que o pai dele acalentara contra os próprios pais. Mesmo com os seus poderes, Carolyn não fora capaz de acrescentar afecto ao relacionamento, mas pelo menos erguera uma ponte frágil, que permitia a cortesia e o respeito dos dois lados.

Trevor não poderia deixar de se perguntar se teria notado a distância entre o pai e os avós, se não fosse pelo amor e franqueza que prevaleciam em sua casa.

Entre todos os casais que já encontrara, jamais conhecera qualquer outro que fosse tão devotado e com tanta alegria. Era um milagre maravilhoso de intimidade, que ele nunca tomara como inevitável.

Imaginava que a mãe se sentaria ali, como ele fazia agora, absorvendo tudo, acompanhando o coro nas canções, conversando com os estranhos em redor. E, com isso em mente, ele esquadrinhou o salão, através do nevoeiro azul de fumaça. Especulou sobre o sistema de ventilação. Mas logo sacudiu a cabeça e encaminhou-se para o balcão. Quaisquer que fossem os riscos para a saúde, ele reflectiu que era aquela atmosfera que os clientes esperavam encontrar.

Avistou Brenna na extremidade do balcão, a operar as torneiras de cerveja e tendo o que parecia ser uma conversa muito séria com um homem que passaria dos cem anos.

O único banco desocupado ficava na extremidade oposta. Trevor foi sentar-se ali. Esperou que Aidan entregasse os copos e desse o troco.

— Como vão as coisas? — indagou Aidan, enquanto acrescentava mais uma camada às duas Guinness que estava a preparar.

— Muito bem. Tem bastante movimento esta noite.

— E deverá ser assim na maioria das noites até ao Inverno. O que lhe posso servir para matar a sede?

— Seria óptimo tomar uma caneca de Guinness.

— O pedido certo. A Jude disse que foi visitá-la hoje, preocupado com as nossas histórias locais.

— Não era preocupação, mas curiosidade.

— Claro, claro... — Aidan iniciou o lento e complexo processo de preparar uma caneca de Guinness para Trevor, enquanto terminava as outras duas. — Um homem não pode deixar de sentir curiosidade por uma história quando se descobre no meio dela. A editora da Jude acha que o lançamento do livro pode despertar um interesse grande pelo nosso pequeno canto do mundo. O que trará bons negócios, para nós os dois.

— Nesse caso, deveremos estar preparados. — Trevor voltou a olhar em redor, notando que Sinead se movimentava com muito mais energia naquela noite. Mas não avistou Darcy em parte alguma. — Vai precisar de mais gente a trabalhar aqui, Aidan.

— Pensarei sobre isso. — Ele encheu um cestinho com batatas fritas e empurrou por cima do balcão. — A Darcy conversará com algumas pessoas quando chegar o momento.

Como se respondesse à deixa, a voz de Darcy atravessou a porta da cozinha, numa sequência de insultos veementes e inventivos:

— Não passas de uma imitação barata de rabo de burro cego! Não sei porque precisas de ter uma cabeça tão dura quanto pedra se não tens nada por dentro que precise de protecção! Tens tanto cérebro quanto um nabo e és duas vezes mais desagradável!

Quando Trevor inclinou a cabeça, numa indagação, Aidan continuou a operar as torneiras, sem se alterar.

— A nossa irmã é algo temperamental, e o Shawn sempre gostou de a provocar.

— Uma megera? Eu vou mostrar-te quem é uma megera, seu sapo atado, de olhos vingos!

Houve um baque audível, um grito, mais insultos, e depois Darcy saiu pela porta, com uma bandeja apoiada no quadril, o rosto corado e os olhos incandescentes.

— Brenna, acabei de atirar uma panela de guisado à cabeça do teu marido... embora não consiga entender por que razão uma mulher inteligente como tu se tenha decidido casar com aquele macaco!

— Rezo para que a panela não estivesse cheia, já que ele faz um guisado maravilhoso.

— Estava vazia. Ainda bem para ti.

Darcy inclinou a cabeça para trás. Respirou fundo e deixou o ar sair com um grunhido de satisfação. Mudou a posição da bandeja, para sair de trás do balcão. Foi nesse instante que avistou Trevor.

A raiva desapareceu do seu rosto como se fosse por um passe de magia. Embora permanecessem brilhantes, os olhos assumiram uma insinuação sexual inconfundível.

— Olha só quem resolveu sair de casa nesta noite chuvosa! — O tom era sedutor, enquanto ela ia para a extremidade do balcão. — Importas-te de levantar a abertura, querido? Estou com as mãos ocupadas neste momento.

Darcy equilibrara bandejas com uma só mão durante metade da sua vida, mas gostava de o ver em acção. O zumbido

na sua garganta foi de profundo prazer quando o viu sair do banco para atender ao pedido.

— É um prazer ser salva de uma situação difícil por um homem forte e bonito.

— Tenha cuidado, Trev, porque há uma víbora por trás desse rosto atraente.

A opinião foi de Shawn, que também saiu da cozinha, para entregar dois pedidos no balcão.

— Não prestes atenção aos resmungos do nosso macaco de estimação. — Ela lançou um olhar furioso para trás. — Os nossos pais, sendo bondosos, compraram-no de uma família itinerante... ciganos, eu diria. Um desperdício de duas libras e dez xelins, se queres saber a minha opinião.

Com os quadris em movimento, Darcy afastou-se para entregar os pedidos.

— Essa foi boa — murmurou Shawn. — Ela devia estar a guardá-la para uma ocasião especial. Boa noite, Trev. Quer comer alguma coisa?

— Acho que vou experimentar o guisado. Ouvi dizer que está uma maravilha hoje.

— Já vou servir. — Com um sorriso triste, Shawn esfregou o galo na cabeça. Olhou para o rapaz com a concertina, tocando agora uma música mais animada. — Veio numa boa noite, Trev. O Connor é capaz de tocar como um anjo ou como um demónio, dependendo do ânimo.

— Ainda não o ouvi a si a tocar. — Trevor tornou a sentar-se no banco. — E já me disseram que toca muito bem... com a mesma qualidade com que faz um guisado.

— Tenho um pouco de jeito. Todos nós temos. A música é parte dos Gallagher.

— Só um pequeno conselho, sobre a sua música. Arranje um agente.

— Hum... — Shawn virou-se para o fitar nos olhos. — Você pagou um bom preço pelas canções que comprou até agora. Acredito que será sempre justo. Tem uma cara honesta.

— Um bom agente poderia arrancar-me mais dinheiro.

— Não preciso de mais. — Ele lançou um olhar para Brenna. — Já tenho tudo.

Trevor balançou a cabeça, resignado. Pegou na caneca que Aidan pusera à sua frente.

— O Finkle disse que você não tinha mentalidade para os negócios. Mas devo dizer que não é nem de longe tão obtuso quanto ele me levou a acreditar. Sem ofensa.

— Não me sinto ofendido.

Trevor observou-o por cima da borda da caneca.

— O Finkle também disse que você o confundiu várias vezes com outro investidor, dono de um restaurante em Londres.

— A sério? — Os olhos de Shawn faiscaram, numa expressão divertida. — Muito estranho. Aidan, sabemos alguma coisa sobre o dono de um restaurante de Londres interessado em se ligar ao nosso *pub*?

Aidan assumiu uma expressão irónica.

— Lembro-me de que o Sr. Finkle me falou a esse respeito, embora eu lhe assegurasse que tal pessoa não existia. — Depois de uma pausa sugestiva, ele acrescentou: — Na verdade, todos nos empenhámos em garantir que não havia mais ninguém interessado.

— Foi o que eu pensei. — Impressionado, Trevor tomou outro gole da Guinness. — Muito hábil.

Foi nesse instante que ele ouviu a gargalhada de Darcy, exuberante. Virou-se para a ver passar a mão pela cabeça do jovem Connor. Deixou-a ali, com os olhos a faiscarem, enquanto começava a cantar.

Era uma melodia rápida, com as palavras da letra quase a atropelarem-se. Trevor já a ouvira antes, em *pubs* de Nova Iorque ou quando a mãe tinha vontade de ouvir música irlandesa. Mas nunca a ouvira cantada daquela forma. Não numa voz que parecia impregnada do vinho mais fantástico, dourado nas beiras.

Tinha o relatório de Finkle que mencionava a voz de Darcy como cantora. O seu agente até a enaltecera, com grande entusiasmo. Trevor não pensara duas vezes. Como a sua empresa preferida era a editora, sabia que muitas vezes vozes recebiam os maiores elogios, quando não mereciam mais do que aplausos polidos.

Agora, ao ouvir, ao observar, Trevor admitiu que deveria ter concedido mais crédito ao seu agente.

Quando ela começou o refrão, Shawn inclinou-se por cima do balcão e acompanhou-a. Havia riso na música, enquanto ela se aproximava do balcão. Com a mão no ombro de Trevor, passou a cantar directamente para o irmão.

— Contarei à minha mãe, quando voltar para casa, que os meninos não deixam as meninas em paz.

Era verdade, pensou Trevor, os meninos nunca deixavam aquela menina em paz. Ele sentiu o impulso de puxar os seus cabelos, mas não da forma jovial que a canção sugeria. Seria mais para acariciá-los, estendê-los para trás e deliciar-se com aqueles lábios.

Milhares de homens, reflectiu Trevor, reagiriam da mesma maneira. A perspectiva atraía-o no seu lado empresarial,

ao mesmo tempo que o irritava a nível pessoal. Como o ciúme fazia com que se sentisse ridículo, tratou de se concentrar no aspecto profissional.

Quando a canção terminou, ela inclinou-se por cima do balcão, puxou Shawn pela gola, e deu um beijo sonoro no seu rosto.

— Idiota! — murmurou ela, com afeição evidente.

— Megera!

— Três de peixe com batata frita, dois guisados e duas fatias da tua torta de cerveja *porter*. E agora volta para a cozinha, que é onde pertences.

Darcy passou a mão pelo ombro de Trevor, distraída, enquanto se virava para Aidan.

— Três canecas de Guinness e uma de Harp, um copo de Smithwick's e duas colas. Uma delas é para o Connor, de graça. Importas-te?

Ela pegou na caneca de Trevor e tomou um gole.

— Aceitas pedidos?

— Estou aqui para atender os clientes.

— Então canta de novo.

— É provável que eu volte a cantar antes de a noite terminar.

Darcy pôs as bebidas servidas na bandeja.

— Eu queria agora. — Trevor tirou uma nota de vinte libras do bolso e ergueu-a, entre dois dedos. — Uma balada desta vez.

O olhar de Darcy deslocou-se para a nota, voltou ao rosto dele.

— É uma gorjeta considerável para uma canção.

— Já te esqueceste de que sou rico?

— Eis uma coisa que não esqueci.

Ela estendeu a mão para a nota. Franziu o rosto quando Trevor a afastou.

— Canta primeiro.

Darcy pensou em ignorá-lo, por uma questão de princípio, talvez também por despeito. Mas a nota era de vinte libras, e cantar nunca fora um sacrifício para ela. Por isso, sorriu para Trevor. Alteou a voz, enquanto levantava a bandeja:

— *Ó, todas vocês, donzelas jovens e belas,
A desabrocharem na Primavera da vida, Tenham cautela,
sejam vigilantes,
Não deixem que um homem roube a vossa flor.*

Connor apanhou a melodia. Corou um pouco quando Darcy lhe piscou o olho e serviu o refrigerante. Ela serviu os outros enquanto continuava a cantar, uma canção de pesar e perda da inocência. As conversas cessaram, e mais do que uns poucos corações suspiraram. E, porque ele estava a pagar, ela olhou para Trevor ao voltar ao balcão. Cantou os versos finais para ele.

A satisfação estampou-se nos seus olhos quando os aplausos soaram. E o brilho persistiu quando pegou na nota de vinte libras.

— Por este dinheiro, cantarei quantas vezes quiseres.

Depois, pegando nas canecas de Guinness que Aidan acabara de preparar, ela afastou-se para as servir.

— Posso cantar por metade disso! — gritou alguém, pondo-se a entoar “Biddy Mulligan”, no meio de gargalhadas.

— Temos sempre uma música mais formal no

fim-de-semana — explicou Aidan a Trevor. — E o Gallagher's paga a banda.

— Virei dar uma olhadela. — Ele observou Darcy passar para trás do balcão e entrar na cozinha. — Vocês os três costumam apresentar-se juntos?

— O Shawn, a Darcy e eu? Em *ceilis*, de vez em quando, ou até aqui, por diversão. Cantei algumas vezes por um prato de comida, quando viajava pelo mundo. Pode ser uma vida difícil.

— Depende de quem o contrata.

Trevor ficou no *pub* por mais uma hora, a tomar a sua cerveja, saboreando o guisado e ouvindo Connor, aparentemente incansável, a tocar uma melodia após a outra.

Levantou-se uma vez, a fim de abrir a porta a um casal, cada um com uma criança adormecida ao colo. Notou que as famílias começavam a voltar para casa, assim como alguns homens, de rosto curtido. Calculou que seriam pescadores, que se levantariam antes do amanhecer e sairiam para o mar.

Os pedidos de comida começaram a diminuir depois das nove horas, mas as torneiras de cerveja continuavam a funcionar com a mesma intensidade quando ele se levantou para ir embora.

— Já vai encerrar a noite, chefe? — gritou Brenna.

— Isso mesmo. Não tenho outra solução, enquanto não descobrir que vitaminas você toma para continuar vigorosa e activa após quinze horas de trabalho.

— Não é por causa de vitaminas. — Ela inclinou-se para afagar a mão encarquilhada do velho, sentado no mesmo banco há horas. — O que me mantém assim é estar junto do meu verdadeiro amor, o Sr. Riley.

Riley soltou uma risada.

— Pois então serve-me a última caneca, querida, com um beijo a acompanhá-la.

— Terá de pagar a caneca, mas o beijo é de graça. — Ela tornou a olhar para Trevor, enquanto servia a cerveja. — Até amanhã.

Trevor virou-se para Aidan.

— Preciso de levar a sua irmã emprestada por um momento. — Ele pegou na mão de Darcy, antes que ela se pudesse afastar. — É a tua vez de me acompanhares até à porta.

— Acho que te posso dispensar um minuto.

Ela largou a bandeja no balcão, ignorando o rosto franzido de Aidan e encaminhou-se para a porta.

A chuva miúda era como uma neblina fina, que encharcava o ar. Algum nevoeiro vinha do mar, espalhando-se pelo chão. Dava para ouvir o murmúrio incessante das ondas. Uma buzina soou, de um barco que navegava pela noite.

— Está frio. — De olhos fechados, Darcy ergueu o rosto para a chuva. — Fica abafado lá dentro, a esta hora da noite.

— Deves estar a sentir muita dor nos pés.

— Não vou negar que gostaria de uma boa massagem neles.

— Vem comigo, e eu dedicarei toda a minha atenção à massagem.

Darcy abriu os olhos ao ouvir isso.

— A oferta é tentadora, mas ainda tenho trabalho a fazer... e preciso de dormir.

Trevor levantou a mão dela para os seus lábios, como já fizera uma vez.

— Então aparece na janela de manhã.

Ela não se importou com a batida mais forte do coração,

nem com o arrepio que percorreu o seu corpo. Era uma mulher que acreditava em desfrutar sensações, em saborear cada uma. Mas tinha de pensar além disso, lembrar-se sempre como o jogo se desenvolvia.

— Talvez. — Lentamente, ela passou a ponta do dedo pelo queixo de Trevor. — Se por acaso pensar em ti.

— Vamos fazer com que isso aconteça.

Ele abraçou-a, mas o movimento para a frente foi interrompido, quando Darcy pôs a mão no seu peito.

Ela sentia o coração disparado, o sentimento excitante de expectativa. Gostava do cheiro da chuva, da pele húmida, dos braços musculosos que a envolviam. Há já algum tempo que não permitia que um homem a abraçasse.

Era esse o segredo, pensou Darcy. A permissão. A opção tinha de ser sua, a iniciativa, a disposição. Era importante, sempre, permanecer no comando dessas situações... e ter o controlo do homem a quem ela permitia que lhe tocasse.

Uma vez entregues as rédeas, podia-se esquecer de que as sensações, por mais adoráveis que pudessem ser, eram apenas fugazes, afinal.

Era bastante seguro ter ali uma amostra de Trevor, concluiu ela. Para saber se ia querer mais. Por isso, Darcy subiu a mão pelo peito dele, estendeu-a até à nuca. Com os olhos abertos, puxou-o para os lábios se encontrarem.

Trevor não se precipitou, ela teve de reconhecer. Não agarrou ou apertou nem tateou, não tentou arrancar as suas amígdalas com a língua. Tinha classe. Era firme, confiante, com apenas uma insinuação de ansiedade. Não era tão perigoso quanto Darcy imaginara. O que ela achou que era uma pena.

No instante seguinte, ele mudou o ângulo do seu corpo, as mãos subiram pelas costas de Darcy, os lábios inclinaram-se.

A mente de Darcy começou a ficar atordoada, e ela pensou: Oh, Deus! E, depois, não pensou mais nada.

Trevor tinha vontade de a devorar viva, em mordidas rápidas e sôfregas. E imaginava que era isso o que ela esperava de um homem. Ansiedade, excitação, desespero. Darcy fizera tudo isso fervilhar nele. Mas percebera o desdém nos seus olhos quando tentara agarrá-la.

Por isso, avançou devagar agora, observando enquanto saboreava. E constatou a aprovação, até mesmo prazer. Juntamente com um certo controlo que o incomodou, no preciso momento em que o sabor de Darcy o envolvia. Mas precisava de mais, de qualquer maneira, e foi em frente.

Sentiu a mudança registrar-se vagamente, num qualquer canto distante da mente. Uma tensão em Darcy misturou-se com rendição, lenta, tão suave quanto a chuva que caía em redor.

Ambos fecharam os olhos, e todo o cálculo entre os dois desapareceu por completo.

A mão na nuca de Trevor subiu para os cabelos. Ela ergueu o corpo, comprimiu-se contra ele, parecia querer fundir-se. Ele avançou, até que ela se encostou à parede de pedra do *pub*. Um coração trovejava forte contra o outro.

Ele recuou, querendo desanuviar a cabeça, recuperar o fôlego. E pensar. Darcy permaneceu encostada à parede. Depois de um momento, soltou um suspiro prolongado, felino, e abriu os olhos.

— Gostei disto. — Um pouco mais, tinha a certeza, do que seria bom para ela. Ainda assim, passou a língua pelo lábio

inferior, como se quisesse aproveitar mais um pouco o sabor. — Porque não o fazes de novo?

— Tens razão, porque não?

Desta vez ele emoldurou o rosto de Darcy entre as mãos, passou os dedos pelos cabelos. Hesitou por um instante, esperou, angustiado, as bocas quase a encostarem-se, até que ambos começaram a respirar mais depressa.

— Vamo-nos levar um ao outro à loucura.

O som fez com que ela ofegasse mais do que se risse.

— Cheguei à mesma conclusão. Vamos começar agora mesmo.

Ela fechou a distância que os separava. Pegou no lábio inferior de Trevor entre os dentes, puxou-o levemente, depois não tão levemente, aliviando a mordidela com a língua.

— Bom começo — murmurou ele, esmagando a boca contra a dela.

A cabeça de Darcy começou a girar, em círculos vertiginosos, deixando-a tonta e inebriada. Cada sensação era como uma explosão no seu organismo... o sabor, o corpo firme de Trevor, a pedra húmida nas suas costas, o brilho da chuva na sua pele.

Queria pressioná-lo para o êxtase, deixá-lo fraco, ouvi-lo suplicar... antes que ela própria o fizesse. Lançou-se no beijo, no momento; e, como consequência, deu mais do que tencionara.

Mais uma vez, foi Trevor quem recuou. Ou assim fazia, ou acabaria por a arrastar para o carro, empurrando-a para o banco traseiro, com toda a delicadeza e controlo de um garoto num baile de formatura.

Darcy deixara-o nesse estado com um único beijo, numa calçada molhada, à frente de um *pub* lotado.

— Vamos precisar de mais privacidade — murmurou ele.

— Eventualmente. — O que Darcy precisava agora era de retomar o controlo das pernas. — Mas, de momento, já nos excitámos demais. Tenho a impressão de que não vamos conseguir dormir em condições esta noite, mas não me importo. — Mais firme agora, ela passou a mão pelos cabelos, espalhando as gotas de chuva. — Queres saber de uma coisa? Na última vez em que beijei um ianque, dormi como um bebé depois.

— Imagino que se trata de um elogio.

— E é mesmo. Vou gostar de pensar em beijar-te de novo, na próxima oportunidade, mas agora tenho de entrar, e tu precisas de voltar para casa.

Darcy virou-se. Parou quando ele a segurou pelo braço. Não sabia se teria firmeza suficiente para resistir, se ele se apercebesse da sua vantagem e insistisse. Por isso, olhou para trás com uma expressão jovial e insinuante.

— Comporta-te, Trevor. Se eu ficar mais tempo aqui fora, o Aidan vai-me dar um sermão, o que estragaria toda a minha alegria.

— Quero a tua próxima noite de folga.

— E eu tenciono dar-ta.

Ela deu uma palmada afável na mão de Trevor, para depois entrar no *pub*.

Houve surpresa e consternação em Trevor quando deu por si abalado. Teve de ficar sentado no carro por um longo momento, a ouvir a chuva, enquanto o sangue esfriava e as mãos firmavam. Sabia o que era desejar uma mulher, até mesmo ansiar em senti-la nas suas mãos, sob o seu corpo. E tam-

bém sabia — e aceitava — que essa necessidade acarretava certas vulnerabilidades e riscos.

Mas o que quer que quisesse, precisasse ou ansiasse de Darcy Gallagher, sabia, situava-se a um nível diferente de qualquer outra coisa que já experimentara antes.

Ela era diferente, admitiu Trevor, franzindo o rosto na direcção do *pub*, um momento antes de ligar o carro. Sensual, egoísta, sedutora. Conhecia outras mulheres com aqueles atributos, mas raramente eram francas e objectivas.

Darcy brincava com ele e não fazia o menor esforço para esconder isso. E, por Deus, ele não poderia deixar de admirá-la. Assim como também tinha de a admirar por ter perfeita consciência de que ele fazia o mesmo jogo.

Seria fascinante descobrir quem venceria, e quantos *rounds* seriam necessários para chegar ao fim da batalha.

Ele tratou de relaxar, pois sentia-se confiante de que saberia lidar com ela. Deu por si a sorrir, enquanto seguia pela estrada esburacada para o chalé. Gostava muito dela. Não conseguia lembrar-se de outra mulher que fosse capaz de aquecer o seu sangue, ocupar a sua mente e provocar o seu humor da maneira como ela conseguia, muitas vezes as três coisas ao mesmo tempo.

Mesmo que não houvesse qualquer atracção física entre os dois, ainda apreciaria a sua companhia, o contacto com aquela inteligência maravilhosa e franca. Naquelas circunstâncias, ele achava que estava prestes a explorar o melhor de todos os mundos possíveis, em termos românticos. E era um alívio alcançar a intimidade com o conhecimento de que as duas partes procuravam apenas a satisfação mútua e o companheirismo interessante.

O lado profissional do relacionamento era bastante simples. O *pub* pertencia a Darcy, tanto quanto aos irmãos, mas era com Aidan que Trevor tinha de negociar, agora e no futuro.

Havia ainda aquela voz de Darcy, uma questão separada e fascinante. Ele tinha algumas ideias que queria aprofundar, antes de conversar acerca delas. Tinha a certeza de que ela aceitaria a sua orientação nessa área. E sentir-se-ia atraída pelo que Trevor poderia e queria oferecer-lhe. Ela apreciava o dinheiro. Queria ter o suficiente para levar uma vida de alta classe. Pois ele tinha o pressentimento de que seria capaz de a ajudar nessa área.

O lucro era o objectivo, como ela lhe dissera naquele dia na praia.

Trevor tinha algumas ideias sobre a maneira como ambos poderiam alcançá-lo. Com uma canção.

Ele entrou no caminho para o chalé, muito satisfeito com a eficiência com que ocupara o seu tempo na Irlanda e com os resultados positivos até àquele momento.

Saltou do carro. Trancou-o, por uma questão de hábito. Usou a luz que deixara acesa para orientar-se pelo nevoeiro até ao portão do jardim.

Não soube depois porque levantou a cabeça, porque se sentiu compelido a olhar para a janela. O sobressalto que percorreu o seu corpo foi como um raio a atingi-lo, sacudindo-o todo, da cabeça aos pés.

De início, pensou na Darcy, na forma como a vira pela primeira vez, emoldurada na janela do seu quarto. Experimentara um sobressalto semelhante na ocasião, não de reconhecimento, mas de desejo.

Aquela mulher também estava emoldurada na janela... e também era adorável. Mas tinha os cabelos muito claros, como

a neblina em redor. Os seus olhos, ele tinha a certeza, embora estivesse muito escuro para divisar a cor, eram verdes como o mar. E estavam atormentados.

Aquela mulher morrera há três séculos.

Trevor continuou a fitá-la, enquanto abria o portão. Viu uma única lágrima cintilar, enquanto descia lentamente pela face. O coração dele batia forte dentro do peito, como um martelo mecânico, enquanto avançava, apressado, entre as flores, a música suave dos sinos de vento a balançar na brisa. O ar encontrava-se impregnado da fragrância, das notas musicais, quase o sufocando.

Ele destrancou a porta. Empurrou-a.

Não havia qualquer som dentro do chalé. A única luz, que ele deixara acesa, projectava sombras compridas nos cantos, ao longo do velho soalho de madeira. Com as chaves ainda na mão, esquecidas, ele começou a subir a escada. Parou ao entrar no quarto, respirou fundo, prendeu a respiração e depois acendeu a luz.

Não esperava que ela continuasse ali. Ilusões desvaneciam-se na claridade. Trevor deixou escapar o ar com um suspiro profundo.

A mulher estava parada à sua frente, com as mãos cruzadas na cintura. Os cabelos dourados derramavam-se pelos ombros do vestido cinza simples, que se estendia até aos pés. A lágrima, brilhante como prata, já secara na sua face.

— Porque desperdiçamos o que está dentro de nós? Porque esperamos tanto tempo para aceitar?

A voz subia e descia, no ritmo característico da Irlanda, o que o deixou mais atordoado do que a própria visão.

— Quem... — Mas é claro que sabia quem ela era, e a

pergunta seria uma perda de tempo. — O que estás a fazer aqui?

— É sempre mais confortador esperar em casa. Esperei tempo demais. Ele acha que tu és o último. Tenho as minhas dúvidas. Ele pode estar certo, quando tu não o queres... e queres com tanta intensidade?

Era impossível. Um homem não conversava com um fantasma. Alguém, por algum motivo, queria divertir-se à sua custa. Era tempo de acabar com aquilo. Trevor avançou. Estendeu a mão para segurá-la pelo braço... e a mão passou pelo corpo, como se fosse feito de fumo.

As chaves escaparam da sua mão e caíram no chão, com grande alarido, aos pés da mulher.

— É tão difícil acreditar que existem mais coisas do que aquelas em que podes tocar? — Ela falou com extrema gentileza, porque compreendia o que era lutar contra convicções. Poderia ter permitido que Trevor tocasse numa ilusão do que ela fora, mas seria menos significativo para ele. — Já sabes no teu coração, no teu sangue. Agora, é apenas uma questão de deixares que a mente acompanhe.

— Preciso de me sentar. — Trevor aterrou na beira da cama, abruptamente. — Sonhei contigo.

Ela sorriu, pela primeira vez, humor gentil e compaixão a misturarem-se nos seus olhos.

— Eu sei. A tua vinda para cá estava determinada há muito tempo.

— Destino?

— É uma palavra que não aprecias, que te leva a preparares-te para uma batalha. — *Lady Gwen* balançou a cabeça. — O destino leva-nos a determinados pontos, ao longo de um

caminho. Cabe-te a ti decidires o que fazes aqui e agora. A opção no final de um trilho. Eu fiz a minha.

— Ah sim?

— Fiz o que pensava estar certo. — A contrariedade insinuou-se na voz musical — Não significava que fosse a coisa certa. Era apenas o que eu pensava, e o que sentia que precisava de fazer. O meu marido era um bom homem, sempre gentil. Tivemos filhos, que foram a alegria da minha vida, um lar que nos proporcionava alegria.

— Amava-lo?

— Passei a amá-lo, depois de algum tempo. Um amor afectuoso e tranquilo. Ele não pediria mais do que isso de mim. Não era o raio e o trovão que eu sentia por outro. Podes compreender o que eu pensava que sentia pelo Carrick? Um fogo que arderia alto e intenso, para depois morrer, transformar-se em cinzas. E nesse ponto eu estava enganada.

Lady Gwen virou-se. Olhou além da janela, além do vidro, além da chuva.

— Eu estava enganada — repetiu ela. — Espero aqui há muito tempo, sempre solitária, e o amor ainda arde dentro de mim, ainda sinto a sua angústia e alegria. É muito fácil o amor esconder-se por baixo da paixão e não ser reconhecido.

— A maioria das pessoas diria que é fácil confundir paixão com amor.

— As duas coisas são verdadeiras. Mas eu temia o fogo ao mesmo tempo que ansiava que me queimasse. E, com medo, nunca olhei para as chamas, à procura das pedras preciosas que me esperavam nelas.

— Sei sobre paixão, mas nada sei sobre o amor. Ainda assim, sempre te procurei noutras mulheres.

Os olhos tornaram a encontrar-se.

— Nunca entendeste o que procuras. Espero que possas compreender agora. Estamos a chegar ao fim, de uma forma ou de outra. Pensa bem no que desejas alcançar, depois delinea as tuas opções.

— Sei o que... — Mas ela começava a desaparecer. Trevor levantou-se de um pulo, estendeu as mãos. — Espera!

Não adiantou. Sozinho, ele pôs-se a andar de um lado para o outro, tentando acalmar os nervos. Mas foi em vão.

Como deveria enfrentar aquela situação? Sonhos, magia e fantasmas. Não havia nada sólido ali. Nada concreto. Nada em que se pudesse acreditar, em última análise.

Mas ele acreditava, e era isso o que o preocupava.

CAPÍTULO SEIS

— Está com uma cara horrível esta manhã.

Trevor tomou outro gole do café que levava para as obras, lançando um olhar ameaçador a Brenna.

— Cale-se!

Ela não se deu ao trabalho de disfarçar a sua gargalhada divertida. Já se habituara a Trevor e não se importava com a sua resmunguice. Quando alguém como ele tencionava morder, não avisava antes.